

17, 18 e 19 de maio de 2017
departamento de línguas e culturas
universidade de aveiro

livro de resumos

congresso
internacional

O conto: o cânone e as margens

Comissão Organizadora:

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Erik van Achter
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lídia Coimbra

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Congresso Internacional “O conto: o cânone e as margens” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Erik van Achter, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra

CAPA

Baseada no cartaz de Sofia Almeida (SCIRP, UA)

EDIÇÃO

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.ª edição – 2017

ISBN

978-972-789-507-6

índice

Apresentação	5
Comissões	6
Programa	8
Resumos	15
Comunicações	16
Mesa redonda	60
Apoios	63

apresentação

A Universidade de Aveiro, em parceria com a Universidade Católica de Lovaina (KU Leuven), realiza, nos dias 17, 18 e 19 de maio de 2017, um Congresso Internacional dedicado ao tema *O conto: o cânone e as margens*. As áreas temáticas das comunicações são as seguintes:

- História do conto
- Hibridismo genológico
- Poéticas da brevidade
- Teorias do conto
- O cânone contístico
- Nas fronteiras do cânone
- Da oratura ao cânone

Página do evento: <http://blogs.ua.pt/conto>

Contacto: ua-conto@ua.pt

comissões

comissão organizadora

António Manuel Ferreira (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Carlos Morais (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Erik van Achter (Universidade Católica de Lovaina, KU Leuven)

Maria Fernanda Brasete (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Rosa Lúcia Coimbra (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

comissão científica

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT, Brasil)
Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa)
Ana Maria Ramalheira (Universidade de Aveiro)
Carlos Nogueira (Universidade de Vigo)
Cristina Álvares (Universidade do Minho)
Elisabeth Battista (UNEMAT, Brasil)
Federico Bertolazzi (Universidade de Roma)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Georges Da Costa (Université de Caen Normandie)
João Paraskeva (Dartmouth Mass. University, USA)
José António Gomes (ESSE, Politécnico do Porto)
Kenneth David Jackson (Yale University, USA)
Lauro Zavala (UAM, México)
Luísa Álvares Pereira (Universidade de Aveiro)
Luiz Gonzaga Marchezan (Unesp, Araraquara, Brasil)
Luke Connolly (KU Leuven)
Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra)
Maria do Carmo Mendes (ILCH, Universidade do Minho)
Maria Helena Santana (Universidade de Coimbra)
Maria João Simões (Universidade de Coimbra)
Maria Teresa Cortez (Universidade de Aveiro)
Marinei Almeida (Unemat, Brasil)
Martin Neumann (Institut für Romanistik, Universität Hamburg)
Olga Maria Castrillon-Mendes (Unemat, Brasil)
Pedro Lopes Almeida (Brown University, USA)
Rosa Maria Goulart (Universidade dos Açores)
Serafina Martins (Universidade de Lisboa)
Sérgio Guimarães Sousa (Universidade do Minho)
Tânia Macedo (USP, Brasil)
Vera Maquêa (Unemat, Brasil)

E todos os membros da Comissão Organizadora

programa

Programa

17 de maio, quarta-feira

08h15 – Receção dos participantes e entrega de documentação

08h55 – *Dança do dragão*, por alunos do DeCA e do IC-UA

09h00 – Sessão de abertura

09h20 – *Apontamento musical*, por Vítor Castro (guitarra) e Lu Yanan (pipa)

09h40 - 10h40 – **Conferências inaugurais** (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderador: António Manuel Ferreira

ERIK VAN ACHTER (KULeuven / CLP Coimbra) – *A arte da apologia: podem antologias definir o conto literário moderno como género?*

LAURO ZAVALA (UAM, México) – *Breve historia de la teoría del cuento*

10h40 – **Intervalo**

11h10 – 12h40 – **Sessões simultâneas A**

MESA 1 (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderadora: Rosa Lídia Coimbra

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA (Universidade de Aveiro) – *Sátira e lamento: os contos de João Melo*

MARIA DO CARMO MENDES (Universidade do Minho) – *Mia Couto: o cânone contístico*

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *A linguagem cênica em Vozes Anoitecidas, de Mia Couto: contos ressignificados na obscuridade da história*

MESA 2 (*sala 2.59*)

Moderador: Carlos Morais

MARIA FERNANDA BRASETE (Universidade de Aveiro) – *Nos primórdios do conto: a narrativa da aventura de Ulisses na ilha do Ciclope Polifemo (Od. 9.106-566)*

PAULO JORGE TEIXEIRA CAVACO & ROSA MARIA SEQUEIRA (Universidade Aberta) – *Contos Migratórios de Dora Nunes Gago*

CARLOS NOGUEIRA (Universidade de Vigo) – *“Ando há muito tempo para contar uma história de fadas”*: O Lagarto, de José Saramago

MESA 3 (*sala 2.58*)

Moderador: Luiz Gonzaga Marchezan

OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *O conto, o cânone e suas fronteiras: uma abordagem em Mato Grosso*

REJANE C. ROCHA (Universidade Federal de São Carlos) – *Além (ou aquém?) do realismo: a representação da violência em contos de Verônica Stigger*

RODRIGO SIMON DE MORAES & MARIA EUGÊNIA BOAVENTURA (Universidade Estadual de Campinas) – *Em busca de quem se perdeu: contos inéditos de Ricardo Guilherme Dicke*

14h30 – 16h00 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria do Carmo Mendes

ROSA MARIA GOULART (Universidade dos Açores) – *As curtas histórias do conto moderno, o poema em prosa e o fragmento lírico*

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN (UNESP – Araraquara) – *Os contos brasileiros do Prêmio Jabuti e seus veios narrativos*

SÉRGIO GUIMARÃES SOUSA (Universidade do Minho) – *Os Contos (modernos) de Camilo Castelo Branco*

16h00 – Intervalo

16h30 – 18h00 – Sessões simultâneas B

MESA 4 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Rosa Maria Goulart

INÊS CASTRO SILVA (Queen's University Belfast) – *Fragmentações coerentes em A Morte do Palhaço e O Mistério da Árvore, de Raul Brandão*

GEORGES DA COSTA (Normandie Université) – *Conte, nouvelle, cronique et/ou mémoires? Le récit bref à la première personne chez José Rodrigues Miguéis*

ELISABETH BATTISTA (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *O médico escritor e O País das Uvas*

MESA 5 (sala 2.59)

Moderadora: Olga Castrillon-Mendes

ELIZABETE BARROS DE SOUSA LIMA (Universidade de Brasília) – *A escrita da carência: o conto brasileiro e o desassossego de uma época*

POLYANA PIRES GOMES & ROSA MARIA DE CARVALHO GENS (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – *A modernidade dos contos de João Alphonsus e Marques Rebelo*

JULIANA SANTINI (UNESP) – *Milagre em Juazeiro, de Ronaldo Correia de Brito, e o conto como ressignificação*

MESA 6 (sala 2.58)

Moderador: Sérgio Guimarães Sousa

SERAFINA MARTINS (Universidade de Lisboa) – *O conto: virtudes da brevidade*

FRANCISCO TOPA (Universidade do Porto) – *Cruzando fronteiras: o porco e o javali*

SÉRGIO CARVALHO RODRIGUES & ELISA NUNES ESTEVES (Universidade de Évora) – *A oratura no conto angolano: o caso d' A Árvore dos Gingongos, Ynari, A Menina das Cinco Tranças e Kianda Off-shore*

18h15 – Apresentação de obra contística (Auditório Aldónio Gomes)

Apresentação, por Olga Maria Castrillon-Mendes, da obra contística do escritor brasileiro Eduardo Mahon



18 de maio, quinta-feira

09h15 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

FEDERICO BERTOLAZZI (Universidade de Roma) – *Modalidades do conto na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen*

JOÃO PARASKEVA (Dartmouth Mass. University) – *Feios, Porcos e Maus. Rumo a uma teoria não abissal*

10h15 – Intervalo

10h45 – 12h45 – Sessões simultâneas C

MESA 7 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Carlos Morais

ISABEL ROBOREDO SEARA (Universidade Aberta) – “*Ó senhora bendita...Deite-me a sua bênção*”. *Formas marginalizadas e ressuscitadas no conto Pranto da mãe mentirosa, de Teolinda Gersão*

LUÍSA ÁLVARES PEREIRA, ROSA LÍDIA COIMBRA (Universidade de Aveiro) & EDUARDO CALIL (Universidade Federal de Alagoas) – *Os títulos de contos que crianças (re)contam: uma “poética” da brevidade sem a angústia da influência*

LOLA GERALDES XAVIER (Instituto Politécnico de Macau/Instituto Politécnico de Coimbra) – *O conto no ensino do Português como língua estrangeira*

MESA 8 (sala 2.59)

Moderador: João Paraskeva

MARIA TERESA CORTEZ (Universidade de Aveiro) – *In the wake of the Brothers Grimm? Transfers and Dynamics of active inclusion in the first collections of Portuguese folktales*

CRISTINA ÁLVARES (Universidade do Minho) – *Os contos de Perrault na imprensa ilustrada infanto-juvenil da Belle Époque. Variações sobre a cena de narração oral de Antoine Clouzier*

MARGARIDA SANTOS ALPALHÃO (Universidade Nova de Lisboa) – *O conto tradicional português e o Imaginário do Mal*

ISABEL BARROS DIAS (Universidade Aberta) – *O imaginário da Morte em contos tradicionais portugueses*

MESA 9 (sala 2.58)

Moderadora: Ana Maria Ramalheira

SILVIE ŠPÁNKOVÁ (Masarykova Univerzita) – *Casas de horror na contística de Domingos Monteiro*

ANA RAQUEL FERNANDES (Universidade de Lisboa) – *New trends and short story: Jeanette Winterson, Helen Simpson, Ali Smith*

MARIA JOSÉ FIGUEIREDO (Universidade de Lisboa) – *Paixão e redenção. Double Indemnity de James M. Cain e Billy Wilder*

EVA DINIS (Universidade de Lisboa) – *Subversão do género: a ficção contística de Margaret Atwood*

14h30 – Mesa-redonda: “O conto Luso-Americano: das margens para o centro do cânone nos EUA” (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderador: Erik van Achter

ANA AGUILAR FRANCO (Universidade de Lisboa) *José José Rodrigues Miguéis: um contista de Nova Iorque*

TERESA CID (Universidade de Lisboa) – *A força e a fortuna do conto luso-americano: Julian Silva e Katherine Vaz*

TERESA ALVES (Universidade de Lisboa) – *Cenários para a arte do conto: as ilhas misteriosas de Onésimo Almeida e Darrell Kastin*

16h00 – Intervalo

16h30 – 18h30 – Sessões simultâneas D

MESA 10 (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderadora: Ana Aguilar Franco

ANA ISABEL CORREIA MARTINS (Universidade de Coimbra) – *O Leão Velho: fronteiras e margens do imaginário colonial*

DIOGO FERNANDES (Universidade Nova de Lisboa) – *Anti-contos: de Diderot a Sena*

Ana Seïça (Universidade de Coimbra) – *“Afiml, quem é que precisa de três desejos?” O avesso dos contos de fadas*

SIDNEI BOZ & AGNALDO RODRIGUES DA SILVA (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *Entre um motivo de luta e uma desilusão: Angola escrita nos contos A Revelação e O nosso país é bué, de Pepetela*

MESA 11 (*sala 2.59*)

Moderadora: Teresa Cid

ANA MARIA RAMALHEIRA (Universidade de Aveiro) – *Da atualidade dos contos satíricos de Henrich Böll (1917-1985), o Nobel alemão católico da boina basca*

JOSÉ ANTÓNIO GOMES (ESE – Porto) – *Da escrita e da sua materialização: Augusto Baptista*

CRISTINA MARIA NEGRÃO ABRANCHES GUERREIRO (Universidade de Lisboa) – *“Le Roi Candaule” de La Fontaine: um conto na diversidade de géneros dos ecos literários de um célebre episódio de Heródoto*

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ (Universidad de Salamanca) – *La poseída de Antonio Muñoz Molina. Teoría de la ficción y perspectiva narrativa*

MESA 12 (*sala 2.58*)

Moderadora: Teresa Alves

GILBERTO ARAÚJO (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – *Contos, fantasias e poemas em prosa no Simbolismo brasileiro*

LADISLAV VÁCLAVIK (Masarykova Univerzita) – *Franz Hellens: le rôle du rêve dans le fantastique réel hellensien*

LUCAS FERNANDO GONÇALVES (Universidade de Brasília) – *O conhecimento literário como linguagem estética do ser*

DINA MARIA SILVA BAPTISTA (Universidade de Aveiro) – *Uma nova perspectiva do conto: o Storytelling na estratégia da comunicação empresarial*

20h00 – Jantar do Congresso



19 de maio, sexta-feira

09h15 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Agnaldo Rodrigues da Silva

TANIA MACÊDO (Universidade de São Paulo) – *As estórias de Luandino Vieira: A terceira margem do conto*

MARTIN NEUMANN (Universität Hamburg) – *Nas margens da periferia: o conto guineense*

10h15 – Intervalo

10h45 – 12h30 – Sessões simultâneas E

MESA 13 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria de Fátima Silva

MARIA JOÃO SIMÕES (Universidade de Coimbra) – *Fixador do belo: a arte, o artista e o sensível em contos de Sá-Carneiro*

MARIA HELENA SANTANA (Universidade de Coimbra) – *O amor em tempos de prosa: paixões equivocadas nos contos de Eça*

PEDRO LOPES ALMEIDA (Brown University) – *Eça de Queiroz: o conto como literatura de viagens*

MESA 14 (sala 2.59)

Moderadora: Teresa Cortez

DINAMEIRE OLIVEIRA CARNEIRO RIOS (Universidade Federal da Bahia) – *A mulher na história: uma análise do conto Colheita*

TIAGO FERREIRA DA SILVA (Universidade de Brasília) – *“A vida apertada numa hora” – Machado de Assis: contista e teórico do conto*

EMÍLIA RAFAELLY SOARES E SILVA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí) & ALGEMIRA DE MACEDO MENDES (Universidade Estadual do Piauí) – *A plasticidade da contística brutalista de Rubem Fonseca: a estética da violência e da solidão na pós-modernidade*

MESA 15 (sala 2.58)

Moderadora: Marinei Almeida

MARCOS VINICIUS CAETANO DA SILVA (Universidade de Brasília) – *Quando contar esta aqui? – Relações entre conto e história em Paulina Chiziane*

MARIA APARECIDA CRUZ DE OLIVEIRA (Universidade de Brasília) – *Questões sobre o romance contemporâneo de Mia Couto*

ANA ALEXANDRA SEABRA DE CARVALHO (Universidade do Algarve) – *Claude Crèbillon e o conto maravilhoso*

MESA 16 (sala 2.57)

Moderador: Carlos Nogueira

LUKE CONNOLLY (KU Leuven) – *O Livro do Desassossego: fundamentos de uma forma de narrativa breve*

FELIPE VIRCKER MACHADO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) – *Letras ralés: afeto e dinamismo na escrita de Marcelino Freire*

MARIA JOSÉ M. MADEIRA D’ASCENSÃO (Instituto Politécnico de Portalegre) – *Reflexões genológico-literárias de um conto: “Os Paradoxos do Bem” de José Régio*

14h30 – 16h30 – Sessões simultâneas F

MESA 17 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Pedro Lopes Almeida

FILIPA DE FREITAS (Universidade de Lisboa) – *Vozes conjugadas: Conto, verso e drama em Fernando Pessoa*

CARMEN MARÍA C. FERNÁNDEZ DE CAÑETE (Universidad de Extremadura) – *Esperança e inquietação no conto “O amor em Lobito Bay”, de Lídia Jorge*

MARCELO PACHECO SOARES (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro) – *O cânone e o contemporâneo em um conto fantástico de Teresa Veiga*

ANA RIBEIRO (Universidade do Minho) – *Poética do conto em Manhã Perdida e A bicicleta que tinha bigodes*

MESA 18 (sala 2.59)

Moderadora: Inês Castro Silva

MARIA FILOMENA BARRADAS (Instituto Politécnico de Portalegre) – *“Histórias instantâneas” de Miguel Esteves Cardoso: entre crónica e conto?*

PAULA ALMEIDA MENDES (Universidade do Porto) – *Espelhos didáticos e de entretenimento? A recepção e a função do conto na literatura moral, catequética e hagiográfica em Portugal no sec. XVII*

JOÃO PEDRO CAMBADO (Universidade de Lisboa) – *Do paraconto ou do conto como parábola e paradoxo em Guimarães Rosa*

LUCIANO DE JESUS GONÇALVES & ELIANE ROBERT MORAES (USP) – *O conto degenerado de Samuel Rawet*

MESA 19 (sala 2.58)

Moderador: Georges da Costa

HELENA MALHEIRO (Universidade Aberta) – *Poéticas do labirinto no conto contemporâneo: de Jorge Luís Borges a David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen*

CARMEN VILLARINO PARDO & M. FELISA RODRÍGUEZ PRADO (Universidade de Santiago de Compostela) – *Antologias “lusófonas” do século XXI: projetando contos e cânone(s)*

MARINEI ALMEIDA (Universidade de Mato Grosso) – *Sob o signo da velocidade: reflexões sobre textos breves das literaturas de língua portuguesa*

16h30 – Intervalo

17h00 – Sessão de encerramento (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Tania Macêdo

MARIA DE FÁTIMA SILVA (Universidade de Coimbra) – *Mário de Carvalho: pede poena clauda. Para “encerrar”, a peste*



resumos

comunicações orais

Agnaldo Rodrigues da Silva

(Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/AML/IHGC)

*A linguagem cênica em Vozes Anoitecidas, de Mia Couto:
contos ressignificados na obscuridade da história*

Palavras-chave: Conto moçambicano, Mia Couto, *Vozes Anoitecidas*, linguagem cênica, literalização da história.

Publicado em 1987, o livro *Vozes Anoitecidas* reúne 12 contos, estreando Mia Couto na contística em língua portuguesa. Contextualizados no período pós-guerra, os textos problematizam questões sociais, culturais, econômicas, políticas e existenciais, balizados em proposituras históricas que fazem o leitor lançar os olhos para o passado, a fim de localizar um Moçambique devastado pelos conflitos bélicos. A proposta de uma representação que envolve a literalização da história permite a construção de cenas de comunidades sofridas, que lutam pela sobrevivência, onde as personagens emitem vozes coletivas que se perdem na escuridão da desesperança. Os contos apresentam características que os aproximam do texto cênico, cujo destaque ao diálogo gera uma expectativa de encenação dramática, uma vez que essa camada textual ganhou relevo em relação às interferências do narrador. Nessa direção, Mia Couto ressignifica a experiência prosaica pelo modo como articula a linguagem, pois o lirismo e o ritmo dos acontecimentos, aliados ao falar coloquial, criam a ilusão de dramas que são diretamente representados ao espectador, como se fosse a própria realidade, materializados em construções sintáticas inerentes às peças de teatro. Nesse processo, não são os atores que encarnam os seres de papéis, mas personagens inventadas (ou não) que levam à cena o drama de pessoas vivas.

Ana Alexandra Seabra de Carvalho

(DAH/FCBS, Universidade do Algarve; Investigadora do CLEPUL)

Claude Crébillon e o conto maravilhoso

Palavras-chave: Conto maravilhoso, libertinagem, metaficção, Claude Crébillon.

Claude Prosper Jolyot de Crébillon (1707-1777), filho do “Grande Crébillon”, tragediógrafo rival de Voltaire, foi um dos autores mais lidos do seu tempo. Apelidado de “físico do amor” e “filósofo das mulheres”, “Le Petit” revela-se um criador rendido ao prazer da escrita, cujo estilo incomparável seduz e convida à exploração aprofundada dos vários níveis hermenêuticos. As preocupações éticas e estéticas de Claude Crébillon manifestam-se na sua arguta análise das convenções e modas literárias coevas, as quais o autor explora e transforma a seu bel-prazer. Parecendo segui-las, na verdade, Crébillon serve-se delas para questionar incessantemente o excessivo hedonismo da libertinagem aristocrática, os jogos do poder social e político, mas também os códigos do literário seus contemporâneos. De entre o *corpus* crébilloniano, centrar-nos-emos aqui nas três narrativas conhecidas como “contos orientais”, onde estas questões são amplamente exploradas. Trata-se de “L’Écumoire”, “Le Sopha” e “Ah quel conte!”. Enquanto contista, o autor dá largas à sua fantasia, recuperando e transformando um

vasto fundo cultural, onde se cruzam as diferentes tradições associadas ao maravilhoso em voga no século XVIII francês. Para além do garantido prazer e divertimento proporcionados pela leitura destas obras, cremos poder demonstrar que o principal contributo de Crébillon consiste na problematização da poética do género, colocando-o simultaneamente ao serviço de uma crítica de costumes e das convenções literárias. Deste modo, o conto maravilhoso revela-se como um género aberto e recetivo, que joga com os possíveis narrativos, sobrepondo claramente a enunciação ao enunciado, questionando os limites da narrativa, a sua capacidade de transformação e a sua incessante reinvenção pelo trabalho da escrita.

Ana Isabel Correia Martins

(CECH, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

“O Leão Velho”: fronteiras e margens do imaginário colonial

Palavras-chave: Imaginário colonial, savana, ressonâncias imperialistas, fronteiras geográficas e identitárias.

É sob a epígrafe de Carlos Fuentes - “são necessárias várias vidas para fazer uma só pessoa” – que Lúcia Jorge nos oferece este conto, em jeito de fábula, numa *mise en scène* do imaginário colonial, com todas as ressonâncias imperialistas que daí decorrem. Em palco está o desejo de três homens de reviverem experiências outrora partilhadas, o mote é simples, o enredo linear: o abate de um animal velho em modo de safari africano no Alentejo. O que se adivinhava ser um fim-de-semana calmo converte-se num *déjà vu* dos tempos idos em Moçambique ou não fosse o próprio leão proveniente de Sofala. Tudo foi concebido, pormenorizadamente, discutido e ajuizado, em prol de um desejo sem preço, pois é sempre esse o valor de uma vontade.

Nesta representação de poder e autoridade, um *vis-à-vis* entre o instinto e a honra, é necessária uma certa dose de lealdade, alinhada a um pseudo-comportamento correctivo. O que seria o expectável ser o lado (pre)dominante deu lugar a uma lógica invertida. “O problema da vida de um homem é que acima do instinto tem a honra. O dever de um bicho é seguir o seu instinto. O dever de um homem é contrariá-lo”, pois será esta a mensagem didáctica e moralizante da obra? A desconstrução deste cenário implicará uma leitura mais profunda das raízes históricas, políticas e sociais, num exercício de análise das identidades e nesta sobreposição das camadas da memória.

Lúcia Jorge convoca uma herança por todos partilhada, que ainda reverbera, exibindo uma ironia fina, divertida e subliminar. Pergunte-se, então, pelo desfecho deste conto enfabulado: “Uma vergonha. Éramos quatro, da mesma idade. Mas só um de nós se portou bem. E foi ele...ele, o bicho”.

Ana Maria Ramalheira

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Da atualidade dos contos satíricos de Heinrich Böll (1917-1985),
o Nobel alemão católico da boina basca*

Palavras-chave: Heinrich Böll, contos satíricos, parábola, desumanização, catolicismo.

Heinrich Böll, um dos mais reputados escritores alemães do século XX, foi agraciado com numerosos prémios literários, incluindo o Prémio Nobel, que recebeu em 1972. A sua extensa e multifacetada obra continua a ser, apesar de tudo, relativamente pouco conhecida em Portugal. A comunicação subordinada ao tema em epígrafe debruçar-se-á sobre a atualidade de um conjunto de contos satíricos de Heinrich Bölls, publicados nos anos 50 do século XX, nomeadamente *Nicht nur zur Weihnachtszeit*, *Mein Onkel Fred*, *Der Lacher*, *Erinnerungen eines jungen Königs*, *Es wird etwas geschehen*, *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen*, entre outros. Os diversos temas neles abordados, através de parábolas críticas à realidade alemã do pós-guerra, como o medo, a apatia da burguesia, o absurdo de certas profissões, o falso catolicismo e a obsessão desumanizadora com o crescimento económico, ganham na Europa hodierna, a braços com uma forte crise financeira e de valores, intensificada com conflitos surdos contra o terrorismo islâmico e seus aliados, uma actualidade muito especial.

Ana Raquel Fernandes

(Universidade Europeia, Laureate International Universities / ULICES, University of Lisbon Centre for English Studies)

New trends and the short story: Jeanette Winterson, Helen Simpson, Ali Smith

Keywords Short story, Jeanette Winterson, Helen Simpson, Ali Smith, identity, gender politics.

The aim of the paper is to present an innovative analysis of the fictional works of contemporary British writers Jeanette Winterson, Helen Simpson and Ali Smith. These authors aim their attention at contemporary themes as varied as identity, gender politics, cultural memory, nationalism, environment and climate change.

I will be focusing in particular on Winterson's *The World and Other Places* (1999), Simpson's most recent collection of short stories entitled *A Bunch of Fives: Selected Stories* (2012) as well as the four collections of short stories published by Ali Smith: *Free Love* (1995), *Other Stories* (1999), *The Whole Story* (2003) and *The First Person* (2008).

These collections present an interesting case study, not only because they display the writers' quest for a unity of subject-matter, but also because they evince the potential of the short story as a genre.

As Simpson mentions in her introduction to *A Bunch of Fives*, an introduction which is actually a pseudo-interview: 'the short story form is particularly good for uncomfortable or edgy subjects [...]. Short doesn't have to mean small or slight [...]. The challenge is, maximum power for minimum length' (Simpson 2012: xxv-xxvi).

Ana Ribeiro

(Universidade do Minho)

Poética do conto em “Manhã perdida” e A bicicleta que tinha bigodes

Palavras-chave: Conto, estória, metaconto, João de Araújo Correia, Ondjaki.

À primeira vista, “Manhã perdida”, conto de João de Araújo Correia incluído em *Folhas de xisto* (1959), pouco parece ter em comum com *A bicicleta que tinha bigodes* (2011), estória da autoria de Ondjaki: são textos classificados de forma distinta, pertencentes a autores de épocas e literaturas diferentes, com mundividências diversas. No entanto, ambos os textos partilham uma dimensão metanarrativa que pretendemos explorar no nosso estudo, já que nos dois é central a questão de como se cria um conto/estória: estimulados por um concurso literário, quer o Dr. Ivinho do conto, quer o narrador do livro mais recente, recorrem à ajuda de um escritor encartado para ganharem o apetecido prémio (cinco contos e uma bicicleta, respetivamente). É sobre esta figura do escritor reconhecido que nos deteremos inicialmente, elencando elementos do seu retrato, em particular aqueles em que assenta a autoridade que lhe é reconhecida. A motivação de ambos os candidatos, bem como o facto de um e outro procurarem a ajuda de um mestre, indicia que escrever uma história envolve mais do que uma simples aptidão natural e implica uma certa aprendizagem. Assim, será importante verificar se o magistério do escritor experimentado surte efeito. A sua atuação e as inquietações dos seus discípulos permitirão ainda identificar as características que ambas as narrativas atribuem ao conto/estória e as técnicas apontadas para a sua criação.

Ana Seiya

(CECH, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

“Afiml, quem é que precisa de três desejos?”: o avesso dos contos de fadas

Palavras-chave: Anti-herói, transtornos psicológicos, Michael Cunningham, recepção, desconstrução, *unhappy-ending*.

Michael Cunningham, essencialmente conhecido pelo seu romance *As Horas*, adaptado ao cinema, redigiu esta colectânea, *Um cisne selvagem e outros contos*, publicada em 2015, que nos deixa desconcertados pela derrogação de categorias.

Elencadas são diversas personagens que encarnam justamente a figura do anti-herói, no lugar do príncipe encantado a que a norma estabelecida pelos contos de fadas nos habituou: o príncipe de braço desfigurado de penas de cisne, alcoólico; a velha de Hansel e Gretel, uma solitária ex-prostituta, de cabeleira pintada de ruivo; o príncipe da Branca de Neve com fetiches necrófilos; o Soldadinho de Chumbo sem uma perna e utente frequente de bordéis, entre outros... Personagens que, na selva do mundo actual, sem magias nem feitiços, contrariam a sugestão que paira do tão conveniente *felizes para sempre*.

A intenção do autor centra-se na reinterpretação de dez contos infantis, elaborando uma versão adulta e claramente *dark* que nos faz duvidar do típico *happy-*

ending e trespassa a estrutura do conto fantástico muito para além da celebração e dos festejos que caracterizavam o seu desfecho.

Cunningham suscita no leitor múltiplas questões: I) será que o facto de se desviar do tradicional desfecho é impeditivo de um final feliz? II) qual a marca de água destes contos: o verosímil/ realidade ou o imaginário/utopia? III) a construção do avesso destas personagens torna-as mais falíveis e credíveis, logo mais humanas e menos heróicas? IV) se a função inerente do conto é o seu didactismo e carácter moralizante, o que poderemos aprender com todas estas personagens? V) representará uma *hybris* esta subversão do cânone contístico?

Cunningham reescreve prequelas interrogativas e sequelas de um presente possível que, carecendo de vitórias e conquistas, enaltecem uma realidade plausível do caminho individual de cada personagem, mas deixa-nos ainda, com mestria, o enigma do devir...

Bibliografia

- M. Cunningham (2015), *Um cisne selvagem e outros contos*, Gradiva romance, Lisboa.
Butrym, A. J (ed.) (1989), *Essays on the Essay, Redefining the genre*, The University of Georgia Press, Athens.
Neiva, S, Montandon, A. (org), (2014), *Dictionnaire Raisonné de la Caducité des Genres Littéraires*, Librairie Droz, Genève, pp.17-31,

António Manuel Ferreira

(Universidade de Aveiro)

Sátira e lamento: os contos de João Melo

Palavras-chave: João Melo, literatura angolana, frustração, conto.

Nas literaturas africanas escritas em português, a história e a política são, muito naturalmente, duas estruturas semânticas fundamentais. Durante o colonialismo, a literatura funcionou como fator de libertação, em concomitância com as tentativas de elaboração dos contornos teóricos da nacionalidade. Nas décadas da pós-independência, os percursos artísticos têm sido variados, e afiguram-se particularmente interessantes aqueles que retomam a história e a política como meios de questionação da contemporaneidade.

Ascensión Rivas Hernández

(Universidad de Salamanca, España)

*“La poseída”, de Antonio Muñoz Molina.
Teoría de la ficción y perspectiva narrativa*

Palavras-chave: La poseída, Muñoz Molina, cuento español, literatura y realidad, ficcionalñidad, perspectiva narrativa.

“La poseída” es uno de los cuentos más emblemáticos del escritor español Antonio Muñoz Molina. Basado en una historia real, el relato posee evidentes rasgos de literariedad que hacen de él una pieza clave en el estudio de las relaciones entre realidad y ficción, es decir, de los elementos que hacen construir la ficción, transformando una información veraz en una pieza de literatura. Una de ellas es la adopción, por parte del narrador, de un determinado punto de vista a la hora de contar la historia.

En la comunicación se analizan los elementos de transformación de la realidad en ficción y la perspectiva peculiar de este relato con el fin de entender mejor su significado. Para ello se utiliza tanto la teoría narratológica de Gerard Genette como la teoría de la ficción narrativa que tratan autores desde Aristóteles hasta Segre, pasando por Martínez Bonati.

Carlos Nogueira

(Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo)

*“Ando há muito tempo para contar uma história de fadas”:
O Lagarto, de José Saramago*

Palavras-chave: José Saramago, *O Lagarto*, conto, literatura para a infância, xilogravura, literatura de cordel brasileira.

“A história é de fadas”. Começa assim, com esta frase declarativa que é também um parágrafo, o álbum ilustrado *O Lagarto* (2016), com texto de José Saramago e ilustrações de J. Borges. Nesta comunicação, tendo bem presente a relação de Saramago com a literatura dirigida aos públicos infantil e juvenil, estudaremos *O Lagarto* enquanto texto verbal e enquanto texto pictórico ou visual, e procuraremos identificar e compreender as mensagens que ele encerra. Tratando-se de um texto, publicado há mais de quatro décadas e inicialmente destinado apenas a um público (adulto e leitor de jornais) muito distinto do também visado neste álbum ilustrado (as crianças e os jovens), equacionaremos ainda o seu estatuto genológico.

Carmen María Comino Fernández de Cañete

(Universidad de Extremadura, Espanha)

Esperança e inquietação no conto “O amor em Lobito Bay” de Lúdia Jorge

Palavras-chave: Literatura portuguesa, Lúdia Jorge, conto contemporâneo, futuro e inquietação.

O objetivo do meu ensaio é demonstrar como através de um breve, mas não pequeno nem inocente conto, a busca do (re)conhecimento da beleza, da culpa, do bem e do mal é intercalada no relato. Por meio de uma voz narradora – desconhecida no início e parcialmente conhecida no fim – e por meio dos diálogos, maioritariamente, não marcados como tais, o contador do *subconto* sugere ajudando a descobrir as distintas estórias do conto. O final surpreendente, ainda que típico do padrão do conto contemporâneo, é a trágica (des)construção da História e a inquietação produzida nos próprios ouvintes do conto que conduz ao silêncio.

Cristina Álvares

(ILCH/CEH, Universidade do Minho)

Os contos de Perrault na imprensa ilustrada infantojuvenil da Belle Époque. Variações sobre a cena de narração oral de Antoine Clouzier

Palavras-chave: Contos de Perrault, imagens, Clouzier, narração oral, imprensa ilustrada infantojuvenil, cultura popular, Belle Époque.

O propósito desta comunicação é mostrar de que modo algumas revistas ilustradas para crianças e jovens dos anos 1900 traçam subtilmente a sua genealogia até Perrault, inscrevendo-se na tradição iconográfica de Antoine Clouzier, o ilustrador dos *Contes du Temps Passé* (1697). A imagem que ilustra o frontispício da primeira edição dos *Contes*, representa uma cena de narração oral centrada na simultaneidade das atividades de contar e de fiar. Instaurando graficamente uma metáfora persistentemente associada aos contos dos tempos idos (contar é fiar), a imagem inaugural de Clouzier passa por variações ao longo das muitas edições dos *Contes* dos séculos XVII e XIX. No início do século XX, os periódicos para crianças e jovens submetem os seus elementos a uma reorganização que reflete as novas condições de acesso a narrativas ficcionais, proporcionadas pela imprensa ilustrada então em expansão. Para exemplificar as reconfigurações dos elementos da imagem-matriz de Clouzier e, em particular, a reinterpretção da metáfora contar-fiar através da presença explícita ou implícita do fuso, analisamos uma imagem de primeira página do *Petit Français Illustré* (1903) assim como a imagem de cabeçalho da *Semaine de Suzette* (1905, 1919), as quais, por serem ilustrações de rosto, são funcionalmente equivalentes às imagens frontispíciais. Pensamos que estas imagens referem as revistas a uma tradição literária e iconográfica prestigiosa com vista a assegurar à nova forma de entretenimento o seu quinhão de legitimidade cultural, ao mesmo tempo que significam a sua modernidade através de uma descontinuidade ou desvio em relação a essa mesma tradição.

Cristina Maria Negrão Abranches Guerreiro

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

“Le Roi Candaule” de La Fontaine – um conto, na diversidade de géneros dos ecos literários de um célebre episódio de Heródoto

Palavras-chave: Giges e Candaules (Hdt. I, 8-13), La Fontaine, género narrativo, género dramático.

Para explicar a ascensão dos Mérmnadas ao trono da Lídia, Heródoto (I, 8-13) narra as circunstâncias em que Giges usurpou o poder, matando Candaules, o último dos Heraclidas, e desposando a rainha viúva. Conta o historiador que, orgulhoso da beleza da esposa, Candaules a expôs desnuda aos olhares de Giges, expondo-se assim à morte, congeminação pela recatada consorte injuriada, que aos seus planos de vingança associou o indiscreto observador.

“Force gens ont été l’instrument de leur mal: / Candaule en est un témoignage” – assim começa La Fontaine o conto (em verso) “Le roi Candaule et le maître en droit”, em que a história do rei lídio registada por Heródoto serve de preâmbulo a uma outra narrativa, protagonizada por um doutor em leis, que incentiva um estudante a uma aventura amorosa, sem imaginar que daí lhe advirá o adultério da esposa.

Ecos do célebre episódio de Giges e Candaules figuram em outros textos narrativos: o poema “Die nackat Künigin” de Hans Sachs; a novela *Le roi Candaule* de Théophile de Gautier; a “novela do Curioso Impertinente”, no *D. Quixote* de Cervantes; o romance *The English Patient* de Michael Ondaatje). Na versão de Heródoto (I, 8-13) e/ou na de Platão (*Rep.* II, 359-360b; X, 612b), a mesma história foi tema de tragédia (*Gyges und sein Ring* de Friedrich Hebbel; *König Kandaules* de Hugo von Hofmannsthal), drama (*Le Roi Candaule* de André Gide) e comédia (*El anillo de Giges, y máximo rey de Lydia* de José de Cañizares; *Le Roi Candaule* de Henry Meilhac e Ludovic Halévy; *Le Roi Candaule*, comédia lírica com libreto de Maurice Donnay e música de Alfred Bruneau).

Analisar o texto de La Fontaine e sublinhar o esquema gráfico do conto, em confronto com o dos outros géneros literários, é o objectivo desta comunicação.

Dina Maria Silva Baptista

(Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda - Universidade de Aveiro/ CLLC)

Uma nova perspetiva do conto: o Storytelling na estratégia da comunicação empresarial

Palavras-chave: Conto tradicional, *storytelling*, comunicação empresarial, estratégia, géneros textuais, plataformas digitais.

A arte de contar histórias é tão antiga quanto o ato de comunicar. As histórias ensinam comportamentos, discutem morais e valores, dramatizam relações sociais e problemas da vida, assim como satisfazem curiosidades e fantasias.

Os bons contadores de história são capazes de passar informações aos seus interlocutores por meio de narrativas atraentes, que facilitam o entendimento e a fixação do que foi dito, escrito ou reproduzido.

Tendo a sua raiz na tradição oral, o conto popular está na sua origem ligado a circunstâncias socioculturais e pragmáticas muito específicas como a circulação e a transmissão oral, a brevidade e a simplicidade do enredo, assim como a abreviada dimensão espaço-temporal e o número reduzido de personagens. A sua estrutura técnico-formal, aliada ao caráter semiótico da sua prática oral e à interação entre o código linguístico e o cinésico, o proxémico e o prosódico, tem inspirado a indústria do marketing e da publicidade e os profissionais da comunicação na criação e aperfeiçoamento do *storytelling*, um conceito que reinventa a memorável expressão “Era uma vez” das narrativas infantis tradicionais e a aplica ao ambiente empresarial para diversos objetivos, entre eles, o de construir narrativas que criem relações consistentes entre uma marca e o seu consumidor. Não obstante a especificidade destas narrativas “organizacionais”, justificada desde logo pelos objetivos comunicacionais estratégicos que as orientam, pretende-se estabelecer um paralelismo entre o conto tradicional e esta nova ferramenta da comunicação empresarial que, através de narrativas estratégicas, utiliza na sua construção memórias, heróis, enredos, conflitos e dramas que evocam memórias dos contos populares, de fadas, de encantamento ou maravilhosos, com o propósito de fomentar a memorização e a partilha de mensagens estratégicas e de cativar e emocionar o público-alvo/consumidor, podendo também ser usada como ferramenta de otimização do desempenho organizacional interno.

Dinameire Oliveira Carneiro Rios

Décio Torres Cruz

(Universidade Federal da Bahia- Brasil)

A mulher na história: uma análise do conto “Colheita”

Palavras-chave: Conto, mulher, micro-história, gênero, identidade, “Colheita”.

O objetivo neste trabalho é apresentar uma leitura do conto “Colheita”, da escritora brasileira Nélide Piñon, na perspectiva da construção de uma micro-história a partir do olhar feminino. Sem que se deixe cair nos essencialismos acerca do feminino e do masculino, a narrativa do conto revela a possibilidade de uma abordagem da história e das experiências sociais a partir de uma ótica desestabilizadora, subvertendo noções acerca da construção das versões históricas e do protagonismo feminino ao longo dos séculos. Por meio de uma linguagem carregada de lirismo, o leitor conhece as vivências da protagonista à espera do retorno do amado e como, através de um mergulho íntimo no espaço em que habita e nela própria, consegue reconstruir uma identidade para si nesse processo de espera, e, conseqüentemente, uma nova visão sobre a sua ligação com o mundo que a circunda. Se ao personagem masculino coube a possibilidade de construir uma história a partir das aventuras e experiências vividas ao longo dos anos que passou distante de casa, a ela foi dado o poder da inventividade de inscrever-se como parte da história através das suas descobertas diárias e da solidificação de uma identidade forte e independente.

Diogo Fernandes

(IELT/Departamento de Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa)

Anti-contos: de Diderot a Sena

Palavras-chave: Brevidade, limites, desfecho, enredo, ironia, subversão.

Referia Ian Reid, a propósito do conto de Jorge Luis Borges “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, que a sua importância, numa tradição de histórias com um enredo solidamente estabelecido, adquiria contornos paródicos e subversivos particularmente relevantes porque colapsava a distinção entre verdade e ficção, separando-se em várias possibilidades narrativas incompatíveis de forma a debilitar a premissa de causalidade da qual a narrativa pudesse depender¹.

Procurar-se-á analisar, na presente comunicação, o modo como dois textos (“Conto brevíssimo”, de Jorge de Sena, e “Isto não é um conto”, de Denis Diderot) exploram a subversão de diferentes princípios narrativos do conto, jogando não só com os seus elementos mais firmemente estabelecidos como também com as expectativas do leitor, frustrando-as de forma mais ou menos deliberada.

O conto de Sena começa – e termina – com uma (auto)reflexão sobre o tema da brevidade no conto e das implicações desta tensão no próprio acto de narrar, deixando apenas um brevíssimo espaço para a exposição da narrativa, num movimento que o mesmo identifica como “desistência de narrar”². No conto de Diderot o autor aproveitava-se das expectativas do leitor, antecipando desde logo um desfecho que irá, no final, corresponder à totalidade das premissas reveladas. A ausência de um elemento de perturbação, num texto em que acontece exactamente aquilo que o narrador avisa no seu início, torna-se ensurdedora e, ao mesmo tempo, provocante, se considerarmos a advertência traduzida quer no seu título como na passagem subsequente: “ou que é, em caso de dúvida, um mau conto”³.

Em ambos os casos está subjacente – e em grande parte através do uso de mecanismos de ironia – uma provocação que expõe a necessidade da sua reinterpretação à luz dos respectivos princípios que procuram fracturar, tornando-se anti-contos no mesmo sentido que Reid aplica ao conto de Borges.

Elizabete Barros de Sousa Lima

(Universidade de Brasília)

A escrita da carência: o conto brasileiro e o desassossego de uma época

Palavras-Chave: Conto, Brasil, história, concisão, escritor, leitor.

É fato que o conto é desconsiderado por muitas pessoas ou até visto como uma narrativa menor quando comparado ao romance. Diante desta constatação, a obra

¹ Reid, Ian. *The Short Story*. London: Methuen, 1977, pp. 7-8

² Sena, Jorge de. *Antigas e Novas Andanças do Demônio*. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 197

³ Diderot, Denis. *Isto não é um conto* (trad. Susana Pires). Portugal: Arbor Litterae, 2010, p. 11

contística nos mais variados contextos é deixada de lado, em especial, por causa de sua pequena extensão. Perante isso, esse trabalho visa problematizar a história do conto no Brasil, e as dificuldades dos escritores de alcançarem e formarem um público leitor de contos.

Elisabeth Batista

(PPGEL/ UNEMAT, Brasil)

O médico escritor e O País das Uvas

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, contos, *O País das uvas*, Fialho de Almeida.

O conto tem exercido, por sua visada intensa, destacado papel na representação literária de episódios reais ou imaginários. Nos estudos que vimos realizando, localizamos na obra, *O País das Uvas* (1893), uma coletânea de contos na qual Fialho de Almeida (1857-1911) explora, com aguda e refinada percepção, pelo discurso ficcional, temas que se voltam para o enfoque dos problemas humanos contemporâneos. Tendo vivenciado um período de crises e significativas mudanças no cenário histórico e cultural, Fialho de Almeida impôs-se como intelectual e formador de opinião, quer pela originalidade da idealização, quer pela linguagem e estilo pujantes. Instiga-nos compreender quais foram os princípios que nortearam a sua produção criativa na referida coletânea, na qual tema, espaço, personagens, narrador destacam aspectos das narrativas, configurando-as em seu contexto físico, moral e ideológico. A matéria dos seus contos constitui-se, desta forma, em literatura viva. É, portanto, no bojo do complexo de revoluções verificadas no final do século XIX, nos campos político, social, econômico, religioso, cultural e estético, que entreveremos, no plano da expressão literária, as mais vigorosas marcas representativas, sob a ótica de um médico escritor.

Emília Rafaelly Soares e Silva

(IFPI- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí)

Algemira de Macedo Mendes

(UESPI- Universidade Estadual do Piauí)

*A plasticidade da contística brutalista de Rubem Fonseca:
a estética da violência e da solidão na pós-modernidade*

Palavras-chave: Brutalismo, teoria do conto, Rubem Fonseca, pós-modernidade, violência, literatura brasileira.

A obra de Rubem Fonseca suscita diversos questionamentos para a sociedade contemporânea. Seu estilo choca leitores com o uso de uma linguagem, considerada por Alfredo Bosi (2006) como *brutalista*, que traz à tona os paradoxos da pós-modernidade. A contística fonsequiana é permeada de suspense narrativo, incitando no leitor expectativas que os contos geralmente superam, com pinceladas de forte violência,

erotismo, mortes inesperadas e manias absurdas dos personagens. O leitor sente o *estranhamento* ao entrar em contato pela primeira vez com um texto de calibre tão explosivo, o que faz dele um próprio detetive da trama alinhavada por linguagem peculiar. A plasticidade dos contos é irreverente, o que faz desse autor um dos maiores contistas brasileiros. Em alguns contos publicados na década de 1990, a saber: “À maneira de Godard”, “O buraco na parede” e “Idiotas que falam outra língua”, encontramos as peculiaridades da poética fonsequiana que dialogam com as considerações de renomados contistas como Poe, no que se refere à *unidade de efeito*, Cortázar, com suas acepções de conto: *intensidade, tensão e brevidade* e Jorge Luis Borges, que trata da *expectativa* ao se ler determinado gênero que transporta o leitor para um mundo diferente das experiências comuns.

Erik Van Achter

(KULeuven / CLP Coimbra)

A arte da apologia:

Podem antologias definir o conto literário moderno como gênero?

Palavras-chave: Teoria do conto, cânone, antologia, conto português.

Na teoria acerca da ficção curta, ou seja, o estudo da própria natureza do gênero, a afirmação de Mary Louise Pratt de que “the short story is always printed as part of a larger whole, either a collection of short stories or a magazine, which is a collection of various kinds of texts” é provavelmente a mais esquecida das suas oito proposições sobre a definição do gênero. No entanto, os contos de facto vêm em coleções e antologias, o que implica que uma seleção e mudanças na composição das antologias ao longo do tempo, como elas também são uma função de, ou um meio para mudança canónica. A exposição inicial do leitor ao gênero provavelmente ocorre durante a leitura de uma antologia ou coleção de contos, implicando, por sua vez, que as expectativas genéricas do leitor são formadas através dos textos propostos. Editores de coleções e antologias justificam as suas escolhas, definindo o que pertence ao gênero e o que não. Em certo sentido, as suas explicações – suas desculpas – definem o gênero tanto quanto a crítica e a teoria. Para ilustrar a hipótese, a presente contribuição baseia-se em paratextos encontrados em *The Best American Short Stories*, a mais antiga antologia anual de ficção curta dos EUA. Além disso, explora as tentativas de João Gaspar Simões de definir o conto literário moderno, enquanto editava uma série de antologias nos anos de 1950 e 1960 em Portugal.

Eva Dinis

(FLUL - Centro de Estudos Comparatistas)

Subversão do gênero: a ficção contística de Margaret Atwood

Palavras-chave: Ficção breve, conto, teoria de gênero, displacement, mito, adaptação

Margaret Atwood é uma voz familiar na discussão de teorias de gênero literário – desde a sua rejeição do termo “ficção científica”, que tantas vezes é utilizado para designar a sua ficção distópica, em prol do termo “ficção especulativa”, até ao repúdio da designação “short stories”, ou ficção breve, para o que ela classifica como “tales”, ou contos. Esta escolha explícita é uma das indicações mais ressonantes do processo crítico presente ao longo da coleção de contos *Stone Mattress*: um desafio algo acerbo à canonicidade dos gêneros literários. Proponho que, neste volume, Atwood desconstrói os pressupostos de gênero literário e os reconstrói de um modo meta-crítico, enfatizando o engenho criativo literário de uma maneira subtil, mas decisiva. Ao longo das nove histórias presentes na coleção, o leitor é confrontado não apenas com contos, como com contos dentro de contos, e ainda com contos sobre contos – sobre os vários tipos de subgêneros literários, construção de mundos, imaginação, escrita, leitura, tradução, citação – e um discurso deliberado contra o elitismo académico sobre gêneros que são, frequentemente, considerados menores ou de menos qualidade intelectual. A autora utiliza ficção pulp, fantasia épica, horror gótico, poesia, contos moralizadores e contos de fadas, entre outros, combinando estilos entre si e, amiúde, servindo-se de dispositivos meta-literários para sublinhar a qualidade “escrita” das histórias. O conceito de “displacement” de Northrop Frye (a adaptação de mitos e metáforas em cânones de moralidade, que se desenvolvem, em seguida, enquanto literatura) poderá ser ilustrativo enquanto possível estratégia para a análise do aproveitamento do mito e narrativa por Atwood na subversão do conceito de gênero.

Federico Bertolazzi

(Universidade de Roma)

Modalidades do conto na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen

Palavras-chave: Conto, Sophia de Mello Breyner Andresen.

Esta comunicação pretende abordar a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen sob a perspectiva da estruturação do conto não apenas como meio de expressão ficcional, mas também como intermediário entre ficção, memória, experiência, literatura e leitura.

Felipe Wircker Machado

(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio)

Letras ralés: afeto e dinamismo na escrita de Marcelino Freire

Palavras-chave: Conto, contemporâneo, Brasil, afeto, dinamismo, marginal.

Esta comunicação toma como ponto de partida o livro *Contos Negreiros* (2005) de Marcelino Freire e a maneira como dialoga com o cânone da literatura feita no Brasil, mas também como, ao mesmo tempo, entra em atrito com essa tradição, liberando-se dela e acionando um intenso dinamismo que tanto a dimensão estética quanto mercadológica da literatura contemporânea não só permitem, como também

exigem. Em *Contos Negreiros*, Freire trabalha sobretudo a partir da questão racial e das marcas ainda vivas, no Brasil contemporâneo, do processo colonial e do regime escravocrata, ao passo que, em seu livro anterior, *Balé Ralé* (2003), boa parte dos contos são atravessados por questões relativas às sexualidades não-normativas. No entanto, não se trata de uma escrita militante, “engajada”, calcada na suposta denúncia de uma realidade social. Em Freire, a marginalidade se faz pelos temas abordados, mas, sobretudo, pela própria maneira como opera o ofício da escrita e como trabalha com os afetos, e como estes atuam na inventividade do processo escriptural. Destaca-se, assim, entre diversos aspectos a serem abordados, a polifonia que essa escrita evoca e produz, na qual não se trata de “falar por” grupos subalternizados na hierarquia social, mas da criação de espaços onde pulula uma profusão de vozes, sem que isso impeça, todavia, que o autor encontre uma dicção e um *estilo* impressos em sua escrita – marcada, entre outras coisas, por um humor rascante e cruel. Como um dos desdobramentos dessa relação que Freire estabelece com a tradição literária e com a cena social brasileira contemporânea, destaca-se, ainda, o espetáculo montado em parceria com a cantora Fabianna Cozza, que recebeu o título de *Cantos Negreiros*, e no qual os contos figuram em intenso diálogo com a música brasileira, sublinhando mais uma vez o dinamismo entre as formas de arte, e ressaltando suas constantes e profícuas contaminações.

Filipa de Freitas

(Centro de Estudos de Teatro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

Vozes conjugadas:

Conto, verso e drama em Fernando Pessoa

Palavras-chave: Fernando Pessoa, contos, heteronímia, Teatro Estático, *Livro do Desassossego*, Biblioteca Particular.

Fernando Pessoa foi um dos autores mais profícuos do século XX. Reconhecido pela sua vasta obra poética, assinada por diversas figuras ficcionais, mas também pela prosa literária do *Livro do Desassossego*, Pessoa também enveredou por outras vertentes como o texto dramático e os contos. Autor de diversos contos que deixou maioritariamente incompletos, tanto em português como em inglês, o poeta projectou erigir uma ampla obra contista que contemplaria contos intelectuais, contos fantásticos, contos filosóficos, contos para jovens, contos para adultos, entre outros. A sua experiência como contista teve início em Durban, através das vozes de Alexander Search e Pantaleão, mas ganhou maturidade nos primeiros anos da sua vida em Lisboa, especialmente entre 1913 e 1915, num período próximo ou contemporâneo de outras experiências literárias marcantes, como o despontar da heteronímia, a primeira fase do *Livro do Desassossego* ou o Teatro Estático.

Os contos deste período (designadamente *O Mendigo*, *Num Bar de Londres*, *O Eremita da Serra Negra*) revelam, por um lado, um profundo interesse por diferentes áreas do conhecimento, de que os volumes da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa dão testemunho e, por outro, a presença de diversos elementos que permitem estabelecer uma fecunda intertextualidade com outros textos do poeta. Neste sentido, alguns contos de Pessoa surgem como uma tentativa literária que já aborda alguns dos temas fundamentais – o mistério de existir, a lucidez, o sonho, entre outros – da sua obra.

Francisco Topa

(Universidade do Porto)

Cruzando fronteiras: o porco e o javali

Palavras-chave: Angola, conto popular, Héli Chatelain, José Luandino Vieira, oratura, folclore

Partindo da fábula Kiombokiadimuka e a liberdade que Luandino Vieira publicou em 2008, analisarei o modo como ela recria a versão folclórica em kimbundu dada ao prelo em 1894 por Héli Chatelain. Abordarei ainda a presença do motivo noutros espaços culturais e discutir o cruzamento da literatura oral com a literatura escrita em Angola.

Georges da Costa

(Normandie Univ / UNICAEN / ERLIS)

*Contes, nouvelles, chroniques et/ou mémoires ?
Le récit bref à la 1^{ère} personne chez José Rodrigues Miguéis*

Mots-clé: José Rodrigues Miguéis, nouvelle, chronique, autobiographie, mémoires.

José Rodrigues Miguéis a publié quatre recueils estampillés comme contes et nouvelles (*Onde a noite se acaba, Léah e outras histórias, Gente da terceira classe, Pass(ç)os confusos*). Parmi les récits brefs composant ces volumes, au statut générique parfois ambigu, nombreux sont ceux qui présentent un narrateur à la 1^{ère} personne. Nous discuterons ici les implications génériques et narratologiques de ces récits fictionnels à la dimension autobiographique avérée.

Gilberto Araújo

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ)

Contos, fantasias e poemas em prosa no Simbolismo brasileiro

Palavras-chave: Literatura brasileira, simbolismo, gêneros literários, conto, fantasia, poema em prosa.

Normalmente conhecido pela produção em verso, o Simbolismo brasileiro destaca-se também pela safra em prosa. Ao invés de tramas enunciadas por um narrador distanciado e focadas em personagens e peripécias, os parágrafos simbolistas privilegiam a fragmentação e a descontinuidade. Não por acaso, floresceram, à época, duas tipologias textuais então inéditas: a fantasia e o poema em prosa, gêneros híbridos cuja índole subversiva acabaria contaminando o conto. O termo “fantasia” – herdeiro de

Aloysius Bertrand –, possui significação vaga, mas sempre sublinha o esvaziamento do enredo em favor das digressões sonoras e imagéticas. Realça ainda a importância da imaginação e da subjetividade, opondo-se à fatura racional a que realistas e parnasianos almejavam. Na música e na pintura, o termo também foi empregado para enfatizar a liberdade no processo criativo. Nas fantasias literárias, entretanto, o pendor imaginativo não corresponde ao motor desenfreado de alguns românticos, caracterizando, ao contrário, uma estagnação narrativa em que a subjetividade do enunciador se compraz em dissecar matizes e sutilezas da realidade, gerando, em muitos casos, redundância discursiva. Portanto, serão a resistência ao narrativo, a musicalidade, a fanopeia e a imaginação os atributos essenciais da fantasia, que, em muitos casos, é sinônima do poema em prosa e do conto. Contudo, ao designar uma produção como “fantasia”, o autor a diferencia de outras configurações textuais, a tal ponto que, no Simbolismo brasileiro, o rótulo “fantasia” quase sempre vem acompanhado de algum outro gênero, do qual, acreditamos, ele queira (às vezes frustradamente) se diferenciar. Este trabalho pretende examinar tal conjunto atípico, associando tanto autores canônicos (Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Sousa e Raul Pompeia), quanto outros hoje olvidados (Colatino Barroso, Dario Veloso, José Vicente Sobrinho e Júlio Perneta).

Helena Malheiro

(Universidade Aberta/CLEPUL)

Poéticas do labirinto no conto contemporâneo: de Jorge Luís Borges a David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen

Palavras-chave: labirinto, fantástico, poética, imagem, sentido, identidade.

O labirinto é a estrutura sobre a qual se erguem múltiplos contos contemporâneos, um labirinto espacial, temporal e textual que desencadeia invariavelmente um labirinto do conhecimento que chega a pôr em causa a própria identidade das personagens que nele a medo ousam penetrar.

Partindo de alguns contos paradigmáticos de Jorge Luis Borges, David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen, onde uma escrita de contínuo devir adia incessantemente o sentido, tentaremos aqui evidenciar a simbologia poderosa de uma verdadeira “poética do labirinto” no conto contemporâneo.

A imagética transbordante inerente a esta prosa poética ou mais concretamente a esta *poesia narrativa* de clima fantástico, conduz frequentemente a uma multiplicidade e a uma inversão total de perspectivas que nos leva à vertigem e à alucinação. Porque os seres que aqui se perpetuam erram perdidos à procura de si próprios e do mistério que tudo invade e se instala nos interstícios do real e das palavras, para nos conduzir ao espanto de um universo desconhecido onde a beleza esmagadora da Poesia é o fio condutor de uma poderosa demanda do sentido.

Inês Castro e Silva

(Queen's University Belfast /National University of Ireland, Maynooth)

Fragmentações coerentes em A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore de Raul Brandão

Palavras-chave: Fragmentação, Raul Brandão, grotesco, angústia, morte.

A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore, de Raul Brandão, datado de 1926, surge como uma reescrita de *História dum Palhaço; (A Vida e o Diário de K. Maurício)*, de 1896. Raul Brandão sempre esteve integrado no mundo do jornalismo e é também através a partir deste registo que surgem algumas das suas obras, crónicas e contos que publicou. Daí, talvez, *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore* surja como uma obra de índole acentuadamente fragmentária, em sintonia com o carácter instável das suas personagens, trazendo, apesar de tudo, no seu íntimo uma lógica interna de grande coerência. Na combinação entre o atractivo e o repulsivo, na tensão veiculada pela angústia e pela morte, o grotesco emerge como a figura maior da deformação, dialogando com o carácter fragmentário da sua obra.

Isabel Barros Dias

(Universidade Aberta e IELT, FCSH/NOVA)

O imaginário da Morte em contos tradicionais portugueses

Palavras-chave: Imaginário, morte, contos tradicionais, dicotomia bem-mal, cosmovisão cristã, medos e imagens atávicos.

O Imaginário humano é, por definição, um fenómeno complexo que se projeta em imagens nem sempre fáceis de interpretar. No entanto, vários estudos têm vindo a aprofundar o nosso conhecimento sobre este domínio, com destaque para a produção da escola francesa dos Estudos sobre o Imaginário (Gilbert Durand, Claude-Gilbert Dubois, Joël Thomas, Jean-Jacques Wunenburger...). Um *corpus* especialmente profícuo sobre o qual esta linha teórica frequentemente se debruça é o dos contos tradicionais, narrativas simultaneamente seminais e marginais relativamente ao cânone da contística mundial. Dada a sua condição de produtos desenvolvidos ao longo de séculos, permanentemente reelaborados e recontados, múltiplas constelações do Imaginário cristalizam-se nestas pequenas narrativas de forma particularmente nítida. A presente comunicação aborda um destes temas complexos, a imagem da morte, transmitida em filigrana por um número considerável de textos, permitindo-nos assim identificar um conjunto de características significativas que vão desde o sentimento de inevitabilidade e de dramaticidade, à desdramatização carnavalesca deste momento marcante que estabelece o final da vida. Com efeito, apesar de algumas marcas da cosmovisão cristã, os contos em apreço não deixam de veicular ideias e imagens que podemos fazer remontar a medos e angústias primordiais e universais.

Isabel Roboredo Seara

(Universidade Aberta)

“Ó senhora bendita... Deite-nos a sua bênção”. Formas marginalizadas e ressuscitadas no conto “Pranto da mãe mentirosa”, de Teolinda Gersão

Palavras-chave: Oração religiosa, conto, hibridismo genológico, texto ritualizado, estratégias discursivas, Teolinda Gersão.

Na mais recente coletânea de contos, *Prantos, amores e outros desvarios* (Porto Editora, outubro de 2016), Teolinda Gersão explora uma forma textual introspectiva, mais conotada com o género feminino, sabendo-se que, na sociedade portuguesa, confinada ao espaço doméstico, a mulher, sobretudo nos meios rurais, vive sujeita ao jugo patriarcal e amedrontada com o soberano poder divino.

O segundo conto desta coletânea, “Pranto da mãe mentirosa”, configura, por excelência, o **hibridismo de género**, em que a autora convoca uma forma marginalizada da literatura de tradição oral portuguesa, uma oração, para narrar a história, conferindo esse protagonismo indómito do feminino.

A oração é um texto ritualizado, ao qual subjaz uma força pragmática decorrente do carácter performativo dos atos de linguagem.

Este devocionário popular que aqui é narrado inclui-se no que habitualmente se designa “plegária”, pois promove um discurso fortemente conotado com a súplica, o rogo, o arrependimento, afastando-se das outras modalidades precatórias pela maior amplitude da submissão à personagem divina.

Genologicamente são naturalmente distantes as fronteiras entre ‘conto’ e ‘oração’, pelo que esta invocação, esta reza à Senhora Mãe - que espelha uma prática discursiva ancestral destinada, por um lado, ao perdão de falhas passadas e, por outro, imbuída de um valor prospectivo, que está centrada no rogo de favores futuros - assume na obra um valor singular e original.

Esta composição narrativa, intimista, confessional, que no conto em análise reproduz uma prática discursiva devocional, socorre-se de estratégias de confissão e de interpelação, em que a Senhora Bendita e, por sua intercessão, Deus, são os interlocutores privilegiados.

A interpelação presente neste conto dá conta de uma forma de estar judaico-cristã, regida pelo amparo divino, e é expressa através de uma linguagem que em tudo mimetiza o despojamento popular, comprovada quer nas formas de tratamento à Nossa Senhora, quer na cumplicidade feminina, quer no léxico popular, menos cuidado que é empregue, quer, ainda, nas expressões desse mesmo imaginário popular.

A valorização, através do conto, de um património oral, mostra como é possível conservar, escrevendo e dignificando literariamente, um acervo oral que, se ninguém cuidar, se poderá extinguir.

João M. Paraskeva

(UMass Dartmouth)

Feios, Porcos e Maus
Rumo a uma teoria não-abissal

Palavras-chave: Teoria Itinerante, epistemicídio, eurocentrismo.

O modelo cartesiano da Modernidade Ocidental, como um modelo hegemônico, com a sua arrogância de que consegue tratar as questões sociais globais não está apenas moribundo, mas sim está morto. Este artigo defende o século XX como ‘o último século Eurocêntrico’. Apoiado no pensamento e obra de intelectuais decoloniais, como por exemplo Sousa Santos, o artigo denuncia a forma como o quadro epistemológico eugénico Ocidental da Modernidade criou e legitimou um pensamento abissal, no qual ‘este lado da linha é legítimo’ e o outro lado ‘foi produzido como inexistente’. Ao fazê-lo, aparelhos sociais (ideológicos e repressivos) como o sistema educativo devem ser percebidos como parte do ‘epistemicídio’. O artigo defende uma Teoria Itinerante que vai ajudar a criar novos caminhos para entender o campo à luz dos desafios que emergem dentro e para além do Eurocentrismo, prestando atenção a outras epistemologias para além do quadro Ocidental. O artigo faz ainda eco da metáfora de Ettore Scola “Feios, Porcos e Maus” desafiando assim como determinadas plataformas teóricas contra hegemónicas – que se encontram tão associadas com a Modernidade Eurocêntrica Ocidental - foram capazes de colonizar o campo sem qualquer prudência ‘fabricando’ e impondo uma dada ‘canonologia’, uma filosofia da práxis classista, racista e genderista, como única, impulsionando o campo para um surrealismo ideológico e suicídio coletivo. O artigo desafia investigadores a assumirem uma posição não-abissal que respeite a diversidade epistemológica. Isto requer uma Teoria Itinerante, que impõe um compromisso com a crítica epistemológica cruel a toda a epistemologia existente.

João Pedro Cambado

(CLEPUL, Universidade de Lisboa)

Do paraconto, ou do conto como parábola e paradoxo em Guimarães Rosa

Palavras-chave: Guimarães Rosa, estória, paradoxo, parábola, margens, mistério.

“Esta é a estória” — assim o narrador de “As margens da alegria” abre o conto inaugural de *Primeiras Estórias*. Mas, na obra de Guimarães Rosa, nunca a estória é apenas “esta”, mas sempre ao menos “estoutra”, uma narrativa a transbordar para fora das suas próprias margens. Os contos que compõem não só *Primeiras Estórias*, mas também *Tutaméia*, ou ainda *Estas Estórias*, são sempre *paracontos*, tendo em conta a polissemia deste prefixo “para”: como algo “a par de”, os contos rosianos são habitados por outros contos que transfiguram aquela que parece ser a narrativa principal, num sempre renovado recontar que revela a virtualidade criadora da palavra (veja-se “A partida do audaz navegante”, “Pirlimpisquice” ou “Reminiscção”); como algo “além de”, estes contos assumem como tarefa procurar “captar o incognoscível” (“Aletria e Hermenêutica”); como algo “contra”, os contos dizem-se contra a lógica, contra o

sabido e o esperado, afirmando o autor explicitamente que “a estória, em rigor, deve ser *contra* a História” (*ibidem*). Pondo em relação o esboço de arte poética que o autor expôs nos quatro prefácios de *Tutaméia* com os contos que constituem esta e as demais obras referidas, demonstraremos como aquelas características dos contos rosianos os definem como parábolas e paradoxos: parábolas, porque operam uma justaposição de níveis, em que muitas vezes se dá “um pulo do cômico o excelso” (*ibidem*) e em que a transfiguração se revela como categoria-chave; paradoxos, porque dizem o que vai contra o expectável e sugerem o surpreendente, em que o não-senso serve a leitura do supra-senso (*ibidem*), dado que “os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras” (entrevista a Lorenz). Neste exercício, procuraremos ainda equacionar características como a apropriação da oratura ou o exercício da brevidade.

José António Gomes

(ESSE, Politécnico do Porto/ CLP, Universidade de Coimbra)

Da escrita e da sua materialização: Augusto Baptista

Palavras-chave: Brevidade, narrativa, “enigma”, paratexto, visualidade, materialidade.

A escrita de Augusto Baptista (n. 1949) tem-se desenvolvido num terreno de legitimação incerto em que convivem o conto, a micronarrativa e outras microcomposições em forma interrogativa a que é dado o nome de “enigmas” – isto a par de textos no campo da reportagem, publicados em revistas e por vezes ilustrados por fotografias do próprio autor, durante anos fotógrafo de profissão. Peculiares são ainda os modos editoriais de circulação de alguma desta escrita – a de intenção literária – em edições de cuidada paratextualidade, quase integralmente concebidas, acabadas e difundidas pelo autor.

Cartoonista e criador de livros de tangram (um dos seus livros literários é impresso num alfabeto de tangram), Baptista revela-se um multifacetado artista, também visual, tendo por vezes como sombra tutelar outro criador nas margens do literário, Mário-Henrique Leiria. Navega assim nas águas de um humor negro que não desiste de denunciar um certo absurdo e não-sentido da existência humana. Interessa, neste artista, aflorar ainda os modos materiais que a sua escrita, muito elíptica, encontrou para chegar ao seu restrito público.

Juliana Santini

(UNESP, Universidade Estadual Paulista, Brasil)

“Milagre em Juazeiro”, de Ronaldo Correia de Brito, e o conto como ressignificação

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, conto, sertão, deslocamento, espaço, viagem.

No contexto da ficção brasileira contemporânea, Ronaldo Correia de Brito começa a receber maior destaque a partir do romance *Galileia*, publicado em 2008 e

vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2009. Antes disso, as linhas mestras de sua ficção já eram claramente definidas em dois volumes de contos – *Faca*, de 2003, e *Livro dos homens*, de 2005 – em que se observam, além da retomada constante da imagem do sertão nordestino, a utilização de técnicas narrativas que fazem uso da brevidade do conto em favor da suspensão do desenlace e de estruturas recortadas, por vezes em *sketches* fragmentários. A reflexão aqui proposta partirá da análise do conto “Milagre em Juazeiro”, integrante do livro de 2005, considerando a constatação de que há, na produção do autor, uma significativa recorrência do sertão e da figura da estrada, articulados a uma estrutura narrativa que enlaça dois tempos, colocando em perspectiva o passado e o presente. Seja do ponto de vista temático, que envolve o sertão e a matriz regionalista da literatura brasileira, seja no que diz respeito à forma do conto, entra em questão, nessa perspectiva, o contemporâneo e sua relação com a tradição. Tomando como verdadeira a proposição de que a construção de territórios identitários na narrativa associa-se ao modo como nela são representadas diferentes relações entre mobilidade e estagnação, será problematizada, aqui, a viagem realizada pelos personagens Maria Antônia e Afonso, médicos de Recife que viajam rumo a Juazeiro em um caminhão de romeiros. A hipótese é de que, na estrutura entrecortada do conto de Ronaldo Correia de Brito, a temática da viagem aponta para a representação de identidades em trânsito tanto no plano sujeito, quanto no que tange ao deslocamento do significado atribuído ao próprio sertão, tomado como matriz histórica da literatura brasileira.

Ladislav Václavík

(Centre de langues, Université Masaryk Brno, République Tchèque)

Franz Hellens : le rôle du rêve dans le fantastique réel hellensien

Mots-clés : littérature belge, conte, fantastique, rêve, dédoublement, double

L'une des figures majeures de la littérature francophone de Belgique du 20^e siècle, Franz Hellens est l'auteur d'une oeuvre aussi variée que complexe. Réaliste au penchant autobiographique, il s'intéresse aussi au fantastique dit réel, dont il devient théoricien aussi bien que praticien.

La présente contribution se donne pour l'objet d'explorer les manières de fonctionnement qu'assume le rêve dans les contes fantastiques de Franz Hellens. Partant d'une analyse globale du rôle du rêve dans la conception de fantastique réel, on va ensuite conduire une analyse particularisante du conte hellensien afin de repérer la fonction qu'a l'onirisme dans la création du procédé de dédoublement, élément-clé du fantastique.

Lauro Zavala

(UAM, México)

Breve historia de la teoría del cuento

Palavras-chave: Teoria do conto, história, teorizadores.

En este trabajo presento una cartografía panorámica sobre la evolución del cuento literario, las correspondientes poéticas de los cuentistas y las teorías del cuento producidas por los especialistas, señalando en su caso las aportaciones de la tradición hispánica e hispanoamericana.

El cuento literario clásico se inicia en las primeras décadas del siglo XIX con Nathaniel Hawthorne y Edgar Allan Poe. La tradición clásica se desarrolla a lo largo del siglo XIX y llega hasta 1925 en varias lenguas, como el francés (Maupassant, Daudet, etc.); inglés (O. Henry, Henry James, etc.); ruso (Chéjov, Dostoievsky, etc.); japonés (Akutagawa, etc.) y español (Darío, Quiroga, Reyes, etc.). Los numerosos teóricos del cuento clásico van desde Boris Eixenbaum en el formalismo ruso (1925) hasta Florence Goyet en la historiografía estructural (2014).

Los principales teóricos del cuento clásico en lengua española han sido M. Baquero Goyanes, Juan Paredes (España), Raúl Castagnino, Edelweiss Serra (Argentina), John Gerlach (Estados Unidos), Verónica Jaffe (Venezuela) y Guillermo Samperio (México).

El cuento clásico tiene inicio catafórico, tiempo secuencial, espacio transparente, narrador omnisciente y confiable, personajes paroxísticos, lenguaje literal, ideología pedagógica y final epifánico. Este último resuelve la tensión narrativa, disuelve las contradicciones y responde a los enigmas.

El cuento clásico tiene la estructura representada por el Triángulo de Freytag, la Flecha de Samperio y el Laberinto Micénico: en su interior sólo existe una única verdad narrativa. En sus poéticas más conocidas se han propuesto las metáforas elaboradas por Chéjov (escopeta), Hemingway (iceberg) y Cortázar (nocaut), y corresponden, respectivamente, a la economía del lenguaje, la estructura elíptica y el final epifánico.

El cuento moderno es lo opuesto del cuento clásico. Surge con Chéjov a fines del siglo XIX y se expande durante todo el siglo XX en cuentistas como James Joyce (Irlanda), Virginia Woolf (Inglaterra), William Faulkner (Estados Unidos), Felisberto Hernández (Uruguay), Macedonio Fernández, Julio Cortázar (Argentina), María Luisa Bombal (Chile), Julio Torri, Juan Rulfo, Juan José Arreola (México) y muchos otros vanguardistas.

El cuento moderno ha sido teorizado por Lida Aronne Amestoy (Argentina), Rust Hills, Leonard Ashley, Charles May (Estados Unidos), Dominique Head (Inglaterra), Luis Barrera Linares (Venezuela) y Catharina de Vallejo (Perú).

Los cuentos modernos tienen inicio anafórico, tiempo alegórico, espacio metafórico, narrador poco confiable, personajes contradictorios, lenguaje irónico, intertextualidad explícita, ideología moralmente ambigua y final abierto. El cuento moderno se representa como los meandros de un río (en su estructura), un laberinto arbóreo (en sus catálisis) o la turbulencia del súbito estallido de un globo (en su organización paratáctica).

El cuento posmoderno consiste en la presencia simultánea de rasgos clásicos y modernos o un simulacro de estos rasgos excluyentes entre sí. Esta escritura paradójica empieza a ser reconocida en la década de los sesenta del siglo XX, y se expande hasta

nuestros días. El referente paradigmático que prefigura esta escritura cuentística es *Ficciones* (1944) de Jorge Luis Borges

La diversidad de registros del cuento posmoderno incluye escritores tan distintos como Raymond Carver, Donald Barthelme, Julio Cortázar, Augusto Monterroso, Eduardo Galeano y Ana María Shua. El cuento posmoderno ha sido teorizado por Enrique Anderson Imbert (Argentina), Daniel Grojnowski (Francia), László Schözl (Hungría), Lauro Zavala (México).

El cuento posmoderno tiene inicio paradójico, tiempo espacializado, espacio fragmentado, narrador paródico o autoirónico, personajes intertextuales, lenguaje autorreferencial, ideología paradójica y final múltiple o tematizado. El cuento posmoderno comparte sus rasgos estructurales con el cine posclásico, la minificción literaria, el nanometraje y algunos medios digitales, y se representa como un tejido neuronal (en su estructura), una red telefónica (en sus nudos), un rizoma vegetal (en sus catálisis) o un globo de espuma (como red de redes).

Lola Geraldés Xavier

(Instituto Politécnico de Macau / Instituto Politécnico de Coimbra)

O conto no ensino do Português como Língua Estrangeira

Palavras-chave: Conto, ensino, Português como língua estrangeira, Ásia.

Pretende-se com esta intervenção dar conta de reflexões e partilha de experiências sobre o ensino do conto de língua portuguesa em contextos de ensino de Português como língua estrangeira. Para isso, a partir de um suporte teórico sobre o ensino da leitura, tentar-se-á responder a questões como:

- Quais as mais-valias do ensino e aprendizagem do conto em aulas de PLE?
- Que contos e autores escolher para cada nível de aprendizagem?
- Com que dificuldades se defrontam os professores de PLE em contextos asiáticos?
- Que dificuldades apresentam os formandos na aprendizagem da narrativa breve?
- Qual é genericamente o panorama atual sobre o ensino do conto em aulas de PLE na República Popular da China?

Ao responder a estas questões, apresenta-se o ponto da situação e propostas para trabalhar o conto de autores de língua portuguesa em contextos de ensino e aprendizagem do Português como língua estrangeira.

Lucas Fernando Gonçalves

(Grupo de Pesquisa Epistemologia do Romance, UnB, Brasil)

O conhecimento literário como linguagem estética do ser

Palavras-chave: Epistemologia, estética, hermenêutica, método, literatura, filosofia.

O presente artigo apresenta a Epistemologia do Romance, proposta de Wilton Barroso Filho, refletindo sobre sua constituição como fundamento metodológico, pensamento da sensibilidade e o seu espírito científico. O referencial teórico de pesquisa é: epistemológico, estético e hermenêutico. Compreendemos, concordando com Georg Lukács e Milan Kundera, que o romance é obra oriunda da Modernidade e que sua arte compõe elementos racionais. Com isso, nosso objetivo de pesquisa é encontrar as escolhas estéticas, de um determinado autor, o tema fundamental de sua obra e a invariância que há na arquitetura literária do(s) romancista(s). Concluímos que a literatura é um importante referencial para compreendermos o ser em que, na concepção de Heidegger, havia sido esquecido pelos filósofos ao longo da História europeia.

Luciano de Jesus Gonçalves

(Universidade de São Paulo, USP / Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO)

Eliane Robert Moraes

(Universidade de São Paulo - USP)

O conto degenerado de Samuel Rawet

Palavras-chave: Literatura brasileira, narrativa, conto, teoria do conto, excesso, erotismo.

O mapeamento, a definição e a análise de um viés da produção ficcional de Samuel Rawet, que contempla a problematização do *degênero* literário, são os objetivos iniciais da proposta de doutorado em sua fase primeva. Intentamos, nesse sentido, um panorama que estabeleça o projeto estético do “degenerar-se” na obra rawetiana, considerando a sua produção narrativa, especificamente, a contística, a partir de 1956, com o lançamento oficial da primeira edição de *Contos do Imigrante*, a 1981, com a publicação de sua última coletânea, *Que os mortos enterrem os seus mortos*. Pautado na investigação inicial de nove contos, o trabalho visa as relações entre o conto degenerado – fruto de mecanismos do excesso; experimentos formais; e recorrências temáticas em torno de questões morais – e as discussões sobre a sua constituição e pesquisa epistemológica, empreendidos pelos narradores e personagens que compõem o *corpus* inicial.

Luísa Álvares Pereira

(CIDTFF/DEP, Universidade de Aveiro, Portugal)

Rosa Lúcia Coimbra

(CLLC/DLC, Universidade de Aveiro, Portugal)

Eduardo Calil

(LAME/UFA, Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

*Os títulos de contos que crianças (re)contam:
Uma “poética” da brevidade sem a angústia da influência*

Palavras-chave: Título, criação textual, narrativa ficcional, literatura infantil, escrita literária, educação literária.

Se ninguém nega a importância da literatura na escola, já o modo como se ensina a conhecer a língua dos textos literários e, sobretudo, o papel que a escrita pode ter neste processo é polémico e discutível (Tauveron, 2005; Pereira, 2008; 2014).

Assume-se, contudo, nesta comunicação, a relevância da produção de narrativas ficcionais, desde cedo, para o conhecimento do funcionamento destes textos e para o desenvolvimento da capacidade de os apreciar e interpretar (Pereira, 2008; 2010).

Pretende-se, assim, focar a análise nos títulos de histórias inventadas (HI) por crianças do 2.º ano de escolaridade, procurando, numa perspetiva de genética textual (Boré, 2010, Calil, 2013; 2016; Lacoste-Doquet, 2013), compreender a origem dos títulos bem como a sua constituição semântica e sintática. Os dados foram coletados durante ao ano letivo de 2015, em uma Escola Urbana (EU) e outra Escola Rural (ER), do distrito de Aveiro. Solicitou-se a produção de 3 histórias inventadas a alunos em díade, num total de 9 díades por cada escola. O registo dos dados recorreu ao uso do Sistema Ramos, técnica que permite gravar em tempo real o texto em curso, fornecendo informações sobre o processo de escrita e, nesta medida, pode-se também recorrer ao filme videogravador para interpretar de forma mais aprofundada o processo de construção de títulos (Calil, 2010; 2012)

Procedeu-se a uma análise de conteúdo dos títulos, relevando a influência de outros escritos que circulam em torno das crianças, nomeadamente outros contos de literatura infantil que foram lidos e textos dos diferentes manuais escolares e que fazem parte do seu intertexto.

As conclusões apontam para a emergência de parâmetros que definem um título de um conto, numa linha de imitação de textos lidos, mas também para uma tentativa de reconstrução e criação original de títulos.

Luiz Gonzaga Marchezan

(Unesp, Brasil)

Os contos brasileiros do Prêmio Jabuti e seus veios narrativos

Palavras-chave: Literatura brasileira, narrativa, conto.

A prosa de ficção participa de discursos expandidos, dotados de categorias complexas – tempos, espaços, personagens –, com a função de representar, construir um espetáculo verbal por meio de uma operação configuradora composta de esquemas

narrativos, com intrigas, enredos, que tornam narráveis valores culturais. O conto surpreende seu leitor reinventando, ao abreviá-lo, o modo de contar uma história. Há, na fatura do conto, uma característica dominante: sua brevidade. O conto não tem espaço para explicações nem digressões; tais disposições contrariam o que é exponencial para sua forma literária: a trama. Nossa exposição prende-se a um inventário e juízo crítico em torno de 660 contos, que compõem 33 obras finalistas do Prêmio Jabuti, no Brasil, entre os anos 1999 e 2008. Depreendemos, do volume de valores narrados nos contos, os traços ficcionais específicos envolvidos com violência, memória e humor que definimos como conjuntos narrativos, assim qualificados conforme se manifestam por meio de invariantes comparáveis entre si e de uma mesma ordem de grandeza. A noção de conjunto narrativo possibilitou-nos comentar as ideias matrizes que se constituem em nós convergentes – estruturas de conhecimento estáveis de medidas textuais, autorais.

Luke Connolly

(CODES, Technologicampus Gent)

O Livro do Desassossego: Fundamentos de uma forma de narrativa breve

Palavras-chave: Pessoa, Livro do Desassossego, Pós-modernismo, gênero, vinheta.

O *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, foi “costurado” postumamente, consistindo de aproximadamente 450 extratos não ordenados e, portanto, faltando qualquer linearidade abrangente, que no fundo deriva da interpretação editorial. Apesar de os fragmentos serem curtos, uma leitura casual prova o suficiente para inferir que esses pequenos textos não são autônomos. É mais razoável percebê-los como mais alinhados a uma forma de romance composto, embora uma versão extrema, fortemente fraturada, e cujos elementos constituintes se revelam impossíveis de recompor em algo completo, tanto pelo leitor como pelo próprio Pessoa. Para isso, minha pesquisa atual está envolvida no isolamento e definição de uma nova forma curta de ficção: a vinheta. Enquanto a vinheta é a forma através da qual, como eu argumento, muitas das características icônicas da ficção pós-moderna se manifestam, O *Livro do Desassossego* pode ser interpretado como um exemplo impressionante de escrita de vinheta inicial, validando as numerosas comparações que os críticos e os leitores fizeram entre o livro e a Literatura pós-moderna. Essencialmente, esta apresentação irá investigar o estatuto proto-pós-moderno do *Livro do Desassossego* através da leitura de uma lacuna potencial no espectro formal de ficção curta.

M. Carmen Villarino Pardo

M. Felisa Rodríguez Prado

(Universidade de Santiago de Compostela)

Antologias “lusófonas” do século XXI: projetando contos e cânone(s)

Palavras-chave: lusofonia, cânone, antologias, Portugal, Brasil, PALOP.

Na última década assiste-se a uma multiplicação de iniciativas antologadoras que, em Portugal e no Brasil, remetem – ora de modo direto, ora indiretamente – para a construção ou existência de uma “literatura lusófona” plural. Em determinados casos, esse objetivo evidencia-se já no título ou no subtítulo; noutros, é a escolha de autores e autoras selecionados/as que marca essa dimensão.

Partimos da hipótese de que as antologias de conto funcionam como plataformas para diferentes modelos de canonização e que contribuem para a projeção das consideradas “literaturas nacionais” no intersistema lusófono.

Trabalhando sobre um *corpus* constituído por algumas antologias de contos que, à volta da mudança de década neste século XXI, tomaram forma de livro impresso a um ou outro lado do Atlântico, tencionamos: mostrar a conceção que preside aos projetos, identificar o envolvimento de diferentes agentes e/ou instituições, caracterizar a participação dos organizadores e analisar as propostas autorais incluídas como resultados de processos de canonização.

Marcelo Pacheco Soares

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, IFRJ)

O cânone e o contemporâneo em um conto fantástico de Teresa Veiga

Palavras-chave: Literatura fantástica, cânone contístico, fantástico tradicional, neofantástico, literatura portuguesa contemporânea, Teresa Veiga.

Desenvolve-se aqui uma leitura do conto fantástico “O maldito, Marianina, e o feitiço da Rocha da Pena”, que Teresa Veiga publicou em *Uma aventura secreta do Marquês de Brandomín* (2008), obra por que foi agraciada com o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, honraria que alcançou três vezes.

Nesse conto, o jovem narrador e outros convivas passam um fim de semana na Rocha da Pena, onde Carlos Sampedro, médico aposentado amigo de seu avô, adquirira um casarão após a morte da antiga moradora: Marianina. O anfitrião revela que o povoado local abandonará o cerro, desapropriado pelas obras de uma rodovia secundária da autoestrada Lisboa-Algarve. À noite (em concessão que o narrador principal faz de sua função ao personagem do médico), Sampedro conta a história de Marianina, esposa do proprietário anterior da mansão, com quem não teve filhos, levando-a a engravidar de um dos funcionários, limpador de fossas, dito encarnação do diabo pelos aldeões. Na manhã seguinte ao relato, Sampedro encaminha o narrador a uma cripta no subsolo da casa, em que jaz sem se decompor o corpo de Marianina.

Duas vozes etariamente opostas revezam-se no relato, expondo diferenças entre uma narrativa próxima das origens do gênero conto, manifestada oralmente, e outra, de que somos leitores em primeiro plano, escrita. Estabelece-se, pois, discussão acerca da literatura fantástica tradicional oitocentista (pesquisada por Todorov), observável na narração de Sampedro, com heranças do cânone contístico de que trata Beltrán Almería — brevidade, verosimilhança, monoestilismo, tipismo das personagens... — cuja crença da audiência adviria de uma noção mágica acerca da própria natureza da verdade. Porém, a narração principal não se confunde com essa estética e traz, em sua diegese, um fantástico contemporâneo, em que, conforme estudos de Sartre, Barrenechea,

Alazraki e Calvino, problematizam-se questões sociais e políticas, tornando o fantástico sobretudo uma estratégia de representação da realidade.

Marcos Vinicius Caetano da Silva

(Universidade de Brasília)

Quando contar esta aqui? – relações entre conto e história em Paulina Chiziane

Palavras-chave: conto, história, romance, romance histórico, colonialismo.

Pretende-se discutir as intermitências do elemento histórico no conto, em especial na obra “Quem manda aqui?” da moçambicana Paulina Chiziane, com o elemento poético. O objeto analisado, escrito em 2013, trata de uma revolução do povo contra os desígnios do imperador Ngungunhane, na figura de seus generais. O conto, de temática claramente colonial, tem como horizonte a história, visto a presença de Chiziane na ficção moçambicana contemporânea. Entretanto, considerando se tratar da forma conto, não se pode ignorar a limitação da brevidade. O entendimento do conto moçambicano e das teorias do romance e do romance histórico lukácsianos são a chave para aprofundar a questão e pensar acerca do fenômeno apesar da fronteira, mesmo que fina, entre os gêneros modernos, e também acerca do movimento histórico de que a obra de Chiziane é produto.

Margarida Santos Alpalhão

(Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, IELT, FCSH/NOVA)

O conto tradicional português e o Imaginário do Mal

Palavras-chave: Imaginário, mal, bruxa, personagem, conto tradicional, história.

O conto tradicional (português), formato genológico que radica num tempo imemorial, ontologicamente marginal ao cânone, constitui-se, ele próprio, como um reservatório de um significativo conjunto de sentidos onde o Imaginário do Mal ecoa particularmente.

A bruxa assume, a um tempo, um rasto histórico e um imaginário do Mal. Personagem multifacetada, no conto tradicional português comunga, em grande parte, do Mal primordial da mundividência ocidental, mas não apenas... Personagem e *persona* da margem, a bruxa pode revelar-se central no conto, como na História. No sistema de construção de sentidos que o Imaginário permite, a bruxa congrega males, angústias, culpas e medos humanos.

Esta proposta visa refletir sobre o Imaginário do Mal veiculado pelo conto tradicional e sobre a bruxa.

Maria Aparecida Cruz de Oliveira

(Universidade de Brasília, UnB)

Questões sobre o romance contemporâneo de Mia Couto

Palavras-chave: Romance contemporâneo, sobreposição de gêneros, literatura moçambicana, corralidades, Mia Couto.

Flora Süssekind ao trazer o conceito de “corralidades” no artigo “Objetos verbais não identificados” (2013) sugere o surgimento de “irrupções de modos corais na cultura literária brasileira. Com frequência, ligadas a certa instabilização das formas e do campo cultural de modo geral” (p.1). Esses textos brasileiros que possuem formas corais e lógicas corais representam um índice das mudanças que ocorrem na literatura, pois essas mudanças também parecem alcançar a literatura moçambicana em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto (2007). Em *Terra sonâmbula*, percebemos algumas marcações de “corralidades” por meio da sobreposição ou tensão dos gêneros: “*Terra Sonâmbula* é um romance construído pela parodização do conto, enquanto estrutura genérica prismática, associada à parábola, à fábula, à alegoria, ao sonho e à profecia, costurados pela intromissão constante do provérbio” (Leite, 2012, p. 176). A adoção dessas macroestruturas da forma evidencia o modelo interpretativo da realidade da sociedade moçambicana. Claro que a constituição do romance é dada pela presença de vários gêneros, mas mais do que a sobreposição de gêneros literários vemos que esse romance apresenta sobreposições de vozes (vozes do moçambicano mestiço, negros, estrangeiro), discursos sobrepostos (vários narradores), tempos divergente que se relacionam (tradição e modernidade), espaços que se cruzam (o mar, a terra), e a conciliação ou não, de dois sistemas: o oral e o escrito, representados pelos personagens Muindinga (leitor dos cadernos) e Kindzu (escritor das estórias contidas nos cadernos), são exemplos cabais do constante rompimento da literatura contemporânea com as tradições literárias anteriores.

Maria de Fátima Silva

(Universidade de Coimbra)

Mário de Carvalho: “Pede poena claudu”. Para “encerrar”, a peste

Palavras-chave: Mário de Carvalho, conto, intertextualidade.

Como último conto da sua colectânea *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho*, Mário de Carvalho regressa ao tema da peste. Ecos de Tucídides ou Camus são inevitáveis no retomar do motivo. Mas apesar da sua independência como narrativa, dentro da colectânea em que se insere, este conto é também uma chave de fecho para temas que são transversais ao conjunto.

Maria do Carmo Mendes

(Universidade do Minho)

Mia Couto: o cânone contístico

Palavras-chave: Mia Couto, conto moçambicano, cânone.

O conto ocupa um lugar privilegiado na produção literária de Mia Couto e as motivações para o valor que o escritor moçambicano lhe concede vão desde o desejo de imbricação na cultura do seu país (no qual a maioria dos escritores se iniciou ficcionalmente com este género), passando pela influência de pioneiros do género (com destaque para Luís Bernardo Honwana e João Dias) e terminando na demonstração do legado da cultura oral africana. De facto, no contexto histórico e cultural moçambicano, o conto é a mais apropriada e popular forma de escrever prosa.

Situados ou durante os últimos anos da guerra colonial ou depois da independência, incluindo a guerra civil e o seu termo em 1992, os contos de Mia Couto possibilitam ainda relevantes diálogos com os romances do escritor e antecipam alguns dos mais importantes motivos nestes tratados, assumindo, portanto, um lugar prominente na afirmação do cânone do escritor.

A comunicação tem, assim, como principais propósitos: 1) Explicitar as razões que justificam a relevância do conto na ficção de Mia Couto; 2) Identificar os motivos mais significativos das suas coletâneas de contos – o sonho, o fantástico, o respeito pela natureza e as problemáticas sociais; 3) Demonstrar que a abordagem, nos contos, de motivos que estruturam toda a produção literária do escritor, permite considerá-los como obras marcantes no cânone literário moçambicano.

Maria Fernanda Brasete

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Nos primórdios do conto: a narrativa da aventura de Ulisses na ilha do Ciclope
Polifemo (Od. 9. 106-566)*

Palavras-chave: Narrativa, conto, Ulisses, Odisseia, epopeia homérica, Ciclope, Polifemo.

A narrativa da aventura de Ulisses na ilha do Ciclope (*Od. 9. 106-566*), que constitui a terceira aventura do "Apólogo" a Alcínoo, evidencia uma notável coerência construtiva e demonstra a apropriação do epíteto *polyainos*, ('que conta'; 'que é objeto de muitas histórias' : *Od. 12, 184*), atribuído pelas Sereias ao herói homérico. Trata-se de uma história, em que o elemento maravilhoso emoldura uma ficção autobiográfica, apresentada como um relato de aventuras e imbuída de uma dimensão moral e axiológica.

Pretende-se, neste estudo, analisar algumas particularidades da estruturação narrativa do encontro de Ulisses e Polifemo, à luz de determinados componentes do discurso contístico como os temas, os pormenores, a descrição, a tensão e o diálogo.

Maria Filomena Barradas

(Instituto Politécnico de Portalegre)

“Histórias Instantâneas” de Miguel Esteves Cardoso: entre crónica e conto?

Palavras-chave: Crónica, conto, géneros literários, leitor, Miguel Esteves Cardoso.

No século XIX, a imprensa veio instituir novas formas de convivialidade. Destinada a informar acerca da coisa pública, desde cedo as rubricas dedicadas ao entretenimento e divertimento do leitor ganharam espaço nos jornais. No caso português, um dos exemplos paradigmáticos disso é a crónica.

Constrangida pelo momento histórico, social, político e cultural em que foi escrita; limitada pela página e por critérios editoriais; debatendo-se, com frequência, com a escolha de um assunto e de como abordá-lo, a crónica tem sabido ultrapassar os seus limites, através da aproximação a registos onde a dimensão estética tem particular relevância.

Com frequência, essa dimensão estética declina-se através da aproximação à literatura. Se pensarmos, por exemplo, em algumas crónicas de Lobo Antunes, que encontramos reunidas nos seus *Livros de Crónicas*, reconhecemos a existência de uma dimensão narrativa, que aproxima estes textos do conto.

Porém, como abordar crónicas que reclamam para si mesmas a designação de “histórias”, mas que sendo “histórias” estão de tal forma cristalizadas, que pouco parece restar daquilo que se reputa como matéria narrativa? Como falar de narrativas que se contam através de um instantâneo fotográfico?

Estas perguntas surgem quando se resgatam – porque nunca foram publicadas em livro – as “Histórias Instantâneas” de Miguel Esteves Cardoso, publicadas entre 1992 e 1993 no semanário *O Independente*.

Como veremos, “Histórias Instantâneas” não só não parecem crónicas, como desafiam a ideia que temos de um conto. Brevíssimas, elas são também um repto aos sentidos do leitor, que é convidado a enveredar, nas páginas de uma publicação periódica, pelos caminhos da literatura e da experiência estética.

Maria Helena Santana

(Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra)

O amor em tempos de prosa: paixões equivocadas nos contos de Eça

Palavras-chave: Conto moderno, Eça de Queirós, Amor romântico.

Num dos raros paratextos em que se referiu ao conto – o prefácio ao livro do amigo conde de Arnoso – Eça classificou-o como uma derivação inócua, um interlúdio no labor sério e “viril” da produção literária que verdadeiramente interessa: a do romancista. No entanto esmerou-se na arte do conto moderno, legando-nos uma poética contrastiva do género. Um dos temas que o motivou foi o do amor romântico, obsessivo, caído em desuso e, justamente por isso, suscetível de se materializar em figuras ambíguas, captadas em “risco leve sóbrio”. Propomo-nos comentar as razões deste interesse na presente comunicação.

Maria João Simões

(CLP, Universidade de Coimbra)

Fixador do belo: a arte, o artista e o sensível em contos de Sá-Carneiro

Palavras-chave: Modernismo, interseccionismo, arte, Sá-Carneiro, conto.

Na sua procura da beleza, Mário de Sá-Carneiro revela uma grande singularidade no tratamento ficcional da apreensão da sensibilidade moderna pautada pela variabilidade das formas de expressão artística.

Este trabalho tem como objetivos investigar as feições dessa singularidade e estudar o modo tal singularidade se insere numa perspetivação moderna, questionando a presença da ambiguidade e da subversão de convenções formais paradoxalmente pressupostas de que fala Dominic Head na obra *The Modernist Short Story*.

Serão objeto de análise a figuração do artista, a alusão às relações interartísticas, bem como os temas do sonho, da morte e da liminaridade entre razão e loucura; comparar-se-ão as estratégias narrativas da duplicidade, do fantástico e do lirismo, tendo por base principalmente os contos “O Homem dos Sonhos” e “Asas”.

Maria José Figueiredo

(CLEPUL /Faculdade de Letras de Lisboa)

Paixão e redenção: Double Indemnity, de James M. Cain e Billy Wilder

Palavras-chave: Literatura, cinema, transposição, *noir*, policial, redenção.

Em 1943, James M. Cain publica uma coletânea de três contos longos intitulada *Three of a Kind*; um desses contos era *Double Indemnity*, que vira a luz em 1936 sob a forma de serial, e que narra a história de um angariador de seguros que, seduzido por uma mulher e pela autoconfiança resultante dos seus mais de dez anos de experiência no negócio, conspira com ela para lhe matar o marido, ficando os dois com o prémio do seguro de acidentes do homem. Trata-se de uma narrativa *noir*, na primeira pessoa, de que Billy Wilder se apropria rapidamente, esteando em 1944 um filme com o mesmo nome.

O filme de Billy Wilder segue bastante de perto a narrativa de James M. Cain, embora acentuando nas personagens alguns traços que são típicos do seu cinema – e da sua visão do mundo –, nomeadamente o peso da ganância humana, mas também a capacidade de, em certo sentido, absolver as piores motivações.

O objetivo da comunicação é comparar as duas narrativas, tentando identificar ganhos e perdas – quer formais, quer materiais – na transposição de um para outro meio.

Maria José M. Madeira D'Ascensão

(Instituto Politécnico de Portalegre)

Reflexões genológico-literárias de um conto:

“Os Paradoxos do Bem” de José Régio

Palavras-Chave: José Régio, género, conto, narrador, personagem.

José Régio, radicado na sua vocação da sinceridade, nunca escondeu a aversão que tinha às fronteiras entre géneros que, aliás, considerava serem pouco rigorosas e definíveis. Além disso, segundo o mesmo autor, estas serviam apenas para contrariar a genuinidade e a independência da criação literária. Testemunho deste repto constitui toda a obra regiana imbuída nos valores do desafio e da rebeldia perante os cânones literários e da autenticidade e da autonomia da criação.

De facto, ao atentarmos especificamente o conto “Os Paradoxos do Bem” de José Régio, verificamos que há uma transgressão, e de forma muito clara, ao tratamento rigoroso de determinados elementos que tal género pressupõe. Com efeito, esta narrativa curta afasta-se ligeiramente da concetualização estrutural e interna do conto, ladeando as fronteiras que a ultrapassam, pois que não observa, na sua plenitude, o critério da brevidade. Na verdade, José Régio obsta o tratamento balizado pelas regras de concentração e concisão das respetivas extensão e categorias da narrativa em “Os Paradoxos do Bem”.

Assim sendo, visando uma análise das fronteiras do cânone nesta narrativa curta em particular, faremos primeiramente uma apresentação sucinta dos alicerces do conto enquanto género literário, de modo a demarcarmos a compleição genológica da narrativa em estudo e a apurarmos o tratamento específico de alguns traços e elementos que se afastam daqueles que são preceituados na composição de um conto.

Maria Teresa Cortez

(University of Aveiro, Portugal)

In the wake of the Brothers Grimm?

*Transfers and dynamics of active inclusion in
the first collections of Portuguese folktales*

Keywords: Romanticism and folktale research; Brother Grimms’ tales; Portuguese folktales; methods in folktale research and collection; fidelity to the voice of the people vs. “creative” approaches.

The present paper deals with the beginnings of Portuguese folktale research during the 1870s and 1880s, at a time when the Portuguese Romantic movement was changing its programmatic lines, in close articulation with the more “scientific” and positivist rediscovery of the people undertaken by the first Portuguese folklorists. Their “active inclusion” of the pioneer folktale collection published by the Brothers Grimm along with its philological frame will be emphasized. Furthermore, the intersections with later theoretical and practical approaches to folk narrative research in the reception process will be taken into account within a *histoire croisée* perspective (Werner / Zimmermann, 2006). Within this context, reference will be made to the different

positions of the founders of the Portuguese ethnographic movement with regard to the Brothers Grimm and the conception of the *Kinder- und Hausmärchen*.

Marinei Almeida

(UNEMAT/MeEL-UFMT, Brasil)

*Sob o signo da velocidade: reflexões sobre textos
breves das literaturas de língua portuguesa*

Palavras-Chave: Conto, poema em prosa, poética da brevidade.

A economia das palavras e a capacidade de síntese são traços marcantes da escrita contemporânea. A literatura, sempre atenta à velocidade do tempo e às consequentes modificações no mundo atual, tem a necessidade de acompanhar esses movimentos, por isso a brevidade da forma é uma característica bastante significativa, presente em alguns gêneros literários como o conto e o poema. Esta tendência acaba por trazer novos desafios para se pensar o cânone literário. Assim, esta proposta de intervenção tem como objetivo refletir sobre tais questões ao expor uma leitura de algumas produções curtas (contos e poema em prosa) de autores brasileiros e africanos de países de língua portuguesa.

Martin Neumann

(Universität Hamburg)

Nas margens da periferia: o conto guineense

Palavras-chave: Centro, periferia, Guiné-Bissau, tradição, memória, identidade.

Se enquanto o *status* de Portugal como “centro” perante as suas ex-províncias ultramarinas é, já por si só discutível, a situação apresenta-se ainda mais problemática quando se considera o lugar da Guiné-Bissau no concerto dos estados africanos lusófonos, onde o pequeno país não desenvolve um papel central. Antes pelo contrário: face a inúmeras crises, golpes de estado e desgoverno quase institucionalizado, acha-se fora não só de contextos diplomáticos e económicos internacionais, mas também dos contextos culturais e literários. No que diz respeito a estes últimos, isso é verdadeiramente lamentável, porque a literatura guineense, apesar de não ser muito extensa, abrange uma grande variedade de gêneros literários: conhece-se a impressionante produção lírica desde o início das lutas pela independência até hoje em dia, os romances de Abdulai Sila ou Filinto de Barros e até algumas peças de teatro (sendo o autor mais importante neste campo, mais uma vez, Abdulai Sila). Mas passa quase completamente despercebida a variadíssima cultura contística, na qual apenas reparam os especialistas de literatura guineense, com autores famosos como Odete Semedo e Tony Tcheka, passando por algumas coletâneas de autores vários, até Waldir Araújo ou o quase desconhecido Marinho de Pina.

Esta contribuição visa mostrar a riqueza tanto temática como formal do conto guineense, assim como apresentar as várias coletâneas de contos que tentam, quer através da coleção de tradições e histórias tradicionais, quer através da evocação da história recente, quer ainda através do tratamento de problemas atuais, contribuir para a construção de uma memória e identidade nacional.

Olga Maria Castrillon-Mendes

(UNEMAT/Cáceres, Brasil)

O conto, o cânone e suas fronteiras: uma abordagem em Mato Grosso

Palavras-chave: Conto, memória de leitura, (anti)cânone, Mato Grosso.

A circulação da antologia *Panorama do conto brasileiro*, lançada pela Civilização Brasileira, em 1959, ofereceu abrangente quadro do gênero, reunindo, em três volumes, os denominados “regionais”: o mineiro, o do norte (em dois volumes dedicados ao conto do nordeste) e o conto do Rio de Janeiro (cariocas e fluminenses). Ao retomar os estudos sobre o tema, esta comunicação objetiva repensar esse panorama a partir da produção literária de/em Mato Grosso. Da tradição ao contemporâneo, das bases históricas ao estilo de composição, é possível precisar três momentos paradigmáticos: o da fase inicial, com acento na fabulação e no caráter eminentemente telúrico; o momento da fusão dos campos popular e erudito na composição do estatuto literário, e o das marcas do fantástico e do alegórico nas atuais tendências estéticas. Colocar em perspectiva o conto produzido em outros eixos possibilita, não só compreender e difundir o campo literário de produção, mas reconstituir o “desenho cultural” em que a memória latente passa a compor o conjunto da construção do acervo latino-americano, evitando que o poder instale sua própria narrativa, como propõe Ana Pizarro (2005). Nesse sentido, as representações tencionam diálogos que constituem a pluralidade da cultura brasileira, projetando discursos que se reatualizam e permitem revisão da história literária. É possível, assim, reconhecer o papel do intelectual *de margem*, cuja tarefa, na visão de Edward Said (2005), consiste em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que limitam o pensamento humano e a comunicação.

Paula Almeida Mendes

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM)

Espelhos didáticos e de entretenimento? A recepção e a função do conto na literatura moral, catequética e hagiográfica em Portugal no séc. XVII

Palavras-chave: Conto, século XVII, literatura moral, literatura hagiográfica, exemplaridade, entretenimento.

Gênero cultivado, por meio do registo escrito, desde a Idade Média – de que é exemplo o *Horto do Esposo* –, mas largamente difundido através de uma ancestral

circulação oral, o conto conhece, em Portugal, um muito significativo sucesso, com a edição dos *Contos e Histórias de proveito e exemplo* (1575), de Gonçalo Fernandes Trancoso, que, como é sabido, reflecte, em boa medida, a recepção e a influência da “novella” de matriz italiana, sobretudo dos textos de Boccaccio ou Bandello, moldura que traduz, naturalmente, uma coexistência e uma continuidade entre os dois géneros. Pese embora o facto de, ao longo do século XVII português, não ter sido editada qualquer colectânea de contos, nos moldes da de Trancoso, tal quadro não significa que o género tenha caído em desuso ou no esquecimento. Neste sentido, tentando mostrar a perenidade do conto no discurso escrito, esta proposta de comunicação procura chamar a atenção para os moldes em que este género continuou a ser cultivado, ainda que, por vezes, apresentando matizes diversos, tributários de uma evidente intertextualidade, mas que não poderão ser dissociados da sua função didáctica e de entretenimento, como o comprovarão algumas obras que se inscrevem no filão da literatura moral – como o *Casamento Perfeito* (1630), de Diogo Paiva de Andrada –, catequética – como o *Baculo Pastoral* (1624), de Francisco Saraiva de Sousa, tão em sintonia com os tempos pós-Trento e a estratégia contrarreformística de disciplinamento –, historiográfica – como os *Parallos de Principes* (1623), de Francisco Soares Toscano, que, pese embora o facto de relatar casos de figuras históricas, apresenta alguns episódios que se assemelham a historietas – e até mesmo hagiográfica, que, ainda que tenha recebido contributos de renovação e de modernização, no sentido de conferir aos relatos um maior rigor e dimensão de historicidade, continuou a conceder uma significativa atenção ao “maravilhoso”, apresentando, não raras vezes, inegáveis semelhanças com o conto tradicional.

Paulo Jorge Teixeira Cavaco **Rosa Maria Sequeira**

(CEMRI / Universidade Aberta)

Contos Migratórios de Dora Nunes Gago

Palavras-chave: Conto, Dora Nunes Gago, estratégia discursiva, literatura, migração, temática.

De acordo com a conceção de Søren Frank (2008), que defende que a migração só se pode inscrever na obra literária pela conjugação do conteúdo – as temáticas abordadas e / ou a condição migrante das personagens –, com a forma – as estratégias discursivas implementadas –, propomo-nos analisar os doze contos que constituem a obra *Travessias – Contos Migratórios* (2014) de Dora Nunes Gago. Partindo da reflexão em torno das designações “contos migratórios” e conto de/sobre migração, procurar-se-á identificar as estratégias discursivas postas ao serviço das temáticas tratadas e, desse modo, constatar em que medida o conceito de migração se converte numa característica intratextual da obra literária e não meramente um tema literariamente explorado.

Pedro Lopes de Almeida

(Brown University, USA)

Eça de Queiroz: o conto como literatura de viagens

Palavras-chave: conto; Eça de Queiroz; literatura de viagens; modernização; viajantes.

A personagem do viajante assume nos contos de Eça de Queiroz uma relevância estrutural, ao serviço de estratégias narrativas altamente descritivas, como em “No Moinho”, “Um Poeta Lírico”, ou em “Singularidades de Uma Rapariga Loura”. A importância da viagem, contudo, ultrapassa frequentemente o âmbito temático. Nesta apresentação pretendo argumentar que o conto queiroziano se constrói de modo análogo à narrativa de viagens que lhe é contemporânea, estabelecendo relações de afinidade com subgêneros literários como a descrição de *grand tours*, os *sketches*, ou o caderno de viagens. Estas relações colocam em evidência a dimensão política do conto de Eça, permitindo explorar, entre outros aspectos, olhares diferenciados sobre o tema da modernização no contexto português, e trazendo um grau acrescido de complexidade ao formato da narrativa breve.

Polyana Pires Gomes

(CEFET-RJ / Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rosa Maria de Carvalho Gens

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A modernidade dos contos de João Alphonsus e Marques Rebelo

Palavras-chave: Literatura brasileira, conto, modernidade, Mário de Andrade, João Alphonsus, Marques Rebelo.

O conto, nascido no Brasil no início do século XIX, consolida-se como gênero expressivo com Machado de Assis, cujas narrativas investem na construção psicológica dos personagens e na ironia delatora da hipocrisia social. No início do século seguinte, destacam-se as narrativas curtas de Lima Barreto, Monteiro Lobato e Mário de Andrade, aliando denúncia social, pesquisa identitária e experimentação linguística. Dentre os três, o mérito maior recai sobre o modernista, visto como revolucionário; os outros estilos são elogiados, embora, em geral, tal congratulação aconteça graças à façanha de serem “pré-modernistas”, nomenclatura criada para os precursores do “avanço” celebrado pela Semana de Arte Moderna de 1922. Ao supervalorizar a produção de um autor apenas, a crítica nacional acabou, como em outros gêneros e períodos, colaborando para o esquecimento de escritores que também contribuíram com novos temas e métodos narrativos, como João Alphonsus e Marques Rebelo, ainda hoje na fronteira do cânone modernista brasileiro. Estreando ambos em 1931, com *Galinha cega* e *Oscarina* respectivamente, eles aparecem em listas secundárias: o primeiro, graças ao conto homônimo ao livro, que comparece em várias antologias brasileiras; o segundo, especialmente a partir da transposição de sua obra para o cinema. No panorama do conto brasileiro das primeiras décadas do século XX, os textos de João Alphonsus e Marques Rebelo oferecem temas cotidianos, banais ou surpreendentes,

personagens populares, autômatos ou reflexivos, de cenários urbanos da então capital federal, o Rio de Janeiro, ou da nova capital mineira, Belo Horizonte. Além disso, a linguagem dos narradores e dos personagens harmoniza-se aos contextos socioculturais abordados e ao desejo de uma expressão genuinamente brasileira.

Rejane C. Rocha

(Universidade Federal de São Carlos)

*Além (ou aquém?) do realismo:
a representação da violência em contos de Verônica Stigger*

Palavras-chave: Realismo, violência, representação, grotesco, conto, Verônica Stigger.

A ficção produzida no Brasil nos últimos 50 anos tem como um dos traços temáticos marcantes a representação da violência urbana e, como um dos traços formais, o apelo realista. Desconsiderando-se as especificidades de cada autor e obra é possível identificar uma preocupação com a realidade das metrópoles, profundamente marcada pela desigualdade social e por graves problemas de sociabilidade. No que diz respeito ao realismo, este permanece como uma postura inescapável diante de tal realidade, embora proponha um método de representação que - em muitos casos - já não é mais o do Realismo histórico do século XIX (PELLEGRINI, 2007). Verônica Stigger, embora seja a autora de um premiado romance, desenvolve no gênero conto as potencialidades de uma nova abordagem da violência, cuja crueza se potencializa pela brevidade do gênero, levada, por ela, ao paroxismo em textos cuja incisão incomoda pelo nonsense e pelo grotesco. Tendo essas reflexões como pressupostos críticos, esta comunicação pretende se deter na análise de alguns contos de Verônica Stigger (2007, 2010) para discutir de que maneira violência e realismo, neles presentes, articulam-se com o grotesco e com o absurdo, desestabilizando o próprio conceito de representação e propiciando renovas reflexões sobre o gênero.

Rodrigo Simon de Moraes

Maria Eugênia Boaventura

(Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Brasil)

Em busca de quem se perdeu: contos inéditos de Ricardo Guilherme Dicke

Palavras-chave: Ricardo Guilherme Dicke, literatura brasileira, conto, teoria literária, Dicke, Mato-Grosso.

O trabalho terá como objetivo apresentar a pesquisa que os autores realizam em nível de doutorado sobre a produção contística do escritor Ricardo Guilherme Dicke. Admirado por autores como João Guimarães Rosa e Hilda Hilst – que o aponta como um dos três grandes escritores brasileiros, ao lado de Machado de Assis e o próprio Rosa – e reconhecido por prêmios literários, o autor mato-grossense, morto em 2008,

ainda não recebeu a devida atenção por parte dos pesquisadores brasileiros. A profícua obra do escritor contrasta com a minguada produção acadêmica em torno de sua prosa e lírica. Até hoje, apenas duas teses de doutoramento – uma na Universidade Federal de Minas Gerais e outra na Universidade Federal de Goiás – tiveram como objeto de estudo a literatura de Dicke. Soma-se a isso o fato de, para além dos títulos publicados (nove contos foram editados em livro: sete em títulos do autor; dois outros em duas coletâneas), Dicke ter deixado também considerável produção inédita. Entre os escritos nunca publicados, cedidos pela filha do escritor aos autores, estão contos de alta qualidade literária. Acreditamos poder demonstrar que a prosa curta de Dicke é capítulo fundamental na história da literatura brasileira, sendo formalmente radical, chegando à quebra da estrutura do conto tradicional. Nossa proposta é permitir aos interessados um encontro com um importante capítulo da história da literatura brasileira.

Rosa Maria Goulart

(Universidade dos Açores)

As «curtas histórias» do conto moderno, o poema em prosa e o fragmento lírico

Palavras-chave: Conto, narração, formas breves, poema em prosa, fragmento, lirismo.

Sem outro suporte que garantisse a fiabilidade do ouvido, seria normal o preenchimento de lacunas de memória nos casos da narração oral que a tradição transmitia de geração em geração. Fácil seria a quem contava um conto «acrescentar um ponto», expressão que, no entanto, alargou o seu âmbito semântico. Com a evolução do conto tradicional para o conto literário moderno, assistimos a um movimento de sentido contrário: uma extrema economia discursiva que torna indistintas as fronteiras entre conto, poema em prosa e fragmento lírico. Trataremos de refletir sobre a estreita relação entre estas formas breves nas suas várias configurações, as quais continuam a desafiar a teoria dos géneros literários.

Serafina Martins

(Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

O conto: virtudes da brevidade

Palavras-chave: Conto, romance, história literária, teoria literária, género, valor.

O conto, como qualquer outra expressão literária, está e esteve “dependente de códigos epocais dominantes”, usando palavras de Manuel Frias Martins, dando-nos assim a possibilidade de aceder a um conhecimento da literatura enquanto processo histórico, de compreender especificidades periodológicas e, além disso, noções que cabem no âmbito vasto do estudo e do ensino da literatura. Podemos lembrar que, pela sua condição de “forma breve” de teor narrativo, o conto tem a virtude de mais sucintamente do que o romance nos permitir dominar matérias tendo a ver, umas, com questões históricas e, outras, com questões de natureza teórica. Partindo-se destas

ideias, muito concretamente, do interesse que a narrativa breve tem enquanto recurso didáctico versátil, serão analisados contos de Alexandre Herculano, Eça de Queirós e Mário de Sá-Carneiro, estes com o intuito de mostrar o seu valor para a história da literatura, e também, no mínimo, um conto de Jorge Luis Borges, neste caso, para observar de que maneira textos bastante breves expõem (alegoricamente, por vezes num registo próximo do absurdo) e em boa medida resolvem problemas conceptuais de que se ocupam os estudos literários.

O valor do conto enquanto género é um assunto que se discute desde o século XIX, não fora este considerado, numa expressão comum, o “século de ouro” do romance. O trabalho que se vai apresentar incide também neste debate, o qual, por enquanto, ainda não se fechou.

Sérgio de Carvalho Rodrigues

Elisa Nunes Esteves

(Universidade de Évora)

A oratura no conto angolano: O caso de “A Árvore dos Gingongos”, “Ynari”, “A Menina das Cinco Tranças” e “Kianda Off-shore”

Palavras-chave: Literatura angolana, oratura, conto, transtextualidade, escrita, Kianda.

A oratura, denominação proposta por Piu Zimiro, é uma manifestação cultural, desde a antiguidade, presente em qualquer sociedade. A sua próxima relação com a literatura remonta milénios, tendo sempre servido de fonte para as diversas obras literárias. O presente estudo procura analisar a sua influência sobre a Literatura Angolana, com particularidade, sobre o conto. Para tal, consideramos os pressupostos teóricos relativos à oratura e ao conto, tanto na perspectiva da primeira quanto na perspectiva literária, sem excluir marcos incontornáveis da “História do Conto Angolano”. Três contos da Literatura Angolana servem-nos de objectos de estudo: “A Árvore dos Gingongos” (1993) de Maria Celestina, “Ynari”, “A Menina das Cinco Tranças” (2004) de Ondjaki e “Kianda Off-shore”, que faz parte da obra *Luanda Fica Longe* (2016) de José Luís Mendonça. Os três contos, escritos em três momentos diferentes da História de Angola, apresentam as aproximações desta marca enriquecedora e indispensável da Literatura Angolana que é o permanente diálogo com a oratura. Apresentando aspectos relevantes da cultura angolana, forte crítica social e um fio que os liga, os três contos dialogam por meio da oratura, que lhes empresta referentes e temas. Um dos referentes é, sem dúvida, Kianda. Na linha do pensamento estruturalista de Genette, nos contos, observamos as recorrências transtextuais verificadas em relação aos textos da oratura angolana. A transcendência textual foi verificada, de modo breve, em diversos níveis: paratextual, intertextual, hipertextual, arquitextual e até metatextual. Neste contexto de inclusão do tradicional no contemporâneo, numa base transcultural, é possível encontrar o inverso. Da relação de mútua fecundidade, se eleva a afirmação da pluridiscursividade como força permanente na narrativa angolana contemporânea.

Sérgio Guimarães Sousa

(Universidade do Minho)

Os contos (modernos) de Camilo Castelo Branco

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco, Romantismo, modernidade, ceticismo.

Camilo Castelo Branco é seguramente mais conhecido como romancista (em sentido lato) do que propriamente como contista. Todavia, a verdade é que o autor de *Amor de Perdição* não foi imune à arte da narrativa breve. E não apenas se revela, em muitos momentos, um contista exímio, como se pode dizer que, pelo menos em certos textos, revela um notório domínio dos códigos técnico-narrativos de que se nutre o conto moderno. A nossa atenção incidirá essencialmente nalguns destes contos “modernos”.

Sidnei Boz

Agnaldo Rodrigues da Silva

(PPEGL, UNEMAT, Brasil)

Entre um motivo de luta e uma desilusão:

Angola escrita nos contos A Revelação e O nosso país é bué, de Pepetela

Palavras-Chave: Literatura angolana, contos, Pepetela, *A Revelação*, *O nosso país é bué*, pós-colonialismo.

Os contos *A Revelação* de 1962 e *O nosso país é bué* de 1999, ambos de Pepetela, distanciam-se entre si por um período de mais de três décadas, nas quais ocorreram profundas mudanças na identidade angolana, decorrentes do processo histórico pré e pós-independência, das guerras e da organização política e social do país. Na figura de dois meninos, protagonistas, o autor representa nestes contos um sentimento de nação que está sempre a transformar-se. Candimba, em *A Revelação*, sente na pele a dominação do colonizador branco que sufoca sua voz de colonizado negro, em sua forma inocente, pueril, mas que começa a entender o mundo ao seu redor. Lito em *O nosso país é bué* vai do sonho nacionalista, representado no petróleo que podia extrair-se num poço do quintal de casa, à constatação de que “afinal o país não era assim tão bué como imaginara”. Ambos jovens, porém em épocas distintas, passa-se a geração da utopia entre eles. No primeiro miúdo está um ponto de partida, estopim para realidade de luta e de guerra que viriam. No último, o fim da ilusão e o choque de uma realidade novamente a se construir. Assim de um a outro, como num voo de pássaro que põe seus olhos em Cadimba, depois se vira para Lito e continua seu caminho, está Angola representada na visão de Pepetela.

Silvie Špánková

(Universidade Masaryk, Brno, República Checa)

Casas de horror na contística de Domingos Monteiro

Palavras-chave: Contística portuguesa, conto fantástico, conto de terror (macabro), ficção científica, imaginário da casa, paralelismos literários.

Com base nas análises e teorias de Maria Leonor Machado de Sousa (1979), Anita Haz-Tokarz (2010), Erik van Achter (2010) e doutros pesquisadores, pretende-se na presente comunicação analisar o imaginário da casa de horror na contística de Domingos Monteiro, autor hoje em dia injustamente marginalizado. Com a seleção de contos apresentados (“Casa Mortuária” de 1943, “Casa Assombrada” de 1961, e “Casa Circular” de 1967) demonstrar-se-ão várias linhas de inspiração ou paralelismos literários que se delineiam desde o conto macabro (ou de terror), até ao conto puramente fantástico e de ficção científica. Procurar-se-á igualmente refletir sobre a questão da (não)inclusão da contística de terror/fantástica/sci-fi no cânone literário.

Tania Macêdo

(USP, Brasil)

As estórias de Luandino Vieira: A terceira margem do conto

Palavras-chave: Conto, Cânone, Luandino Vieira, Literatura angolana contemporânea, Literaturas africanas de língua portuguesa, Oratura e escrita.

As margens do gênero conto, não raro, são invadidas pelo caudal das “estórias” do escritor angolano José Luandino Vieira, as quais ultrapassam barreiras entre prosa e poesia, conto e novela, oratura e escrita, tradição e inovação. Sobretudo a partir de *Luuanda*, as narrativas curtas do autor instigam a reflexão sobre as suas componentes temáticas e estilísticas, na medida em que as mesmas desafiam modelos e definições, para enraizarem-se no solo do fazer artístico nos países africanos.

Segundo nossa perspectiva, as estórias luandinas estabelecem uma espécie de “terceira margem” do conto e, assim sendo, examinar a sua produção significa pensar as possibilidades que o gênero pode oferecer.

O texto a ser apresentado procurará discutir as linhas de força das “estórias” de José Luandino Vieira e, a partir das mesmas, propor algumas reflexões sobre o conto contemporâneos em países africanos de língua oficial portuguesa.

Tiago Ferreira da Silva

(Universidade de Brasília)

“A vida apertada numa hora” – Machado de Assis: contista e teórico do conto

Palavras-chave: Conto, Machado-de-Assis, teoria da narrativa, contos-teoria, realismo, literatura brasileira.

Considerando os contos machadianos, em suas duas fases de produção, pretende-se analisar de que modo o autor de *Brás Cubas* estabelece, mesmo que de modo difuso, bases para uma teoria do conto, em consonância com os principais teóricos do assunto. Mesmo que não tenha formalmente teorizado sobre o conto, em alguns momentos de sua obra, especialmente nas introduções e advertências de suas coletâneas de narrativas curtas, o escritor brasileiro tece algumas considerações importantes sobre o gênero, as quais nortearão sua produção como contista, em especial a partir de *Papéis avulsos*. A quantidade de contos escritos por Machado de Assis demonstra uma preferência pelas narrativas curtas e condensadas, terreno produtivo em que o autor pôde tecer suas análises e desenvolver sua habilidade de escrita e de inquiridor da vida social e psicológica. A diversidade de temas e de recursos formais que o autor utilizará em suas narrativas demonstra o quanto cada um dos textos formula, em sua construção, uma reflexão sobre a própria feição que o gênero conto pode assumir. Pela capacidade de “apertar a vida” ao condensar a representação da realidade na forma curta do conto, Machado estabelece aquelas que são as bases de sua obra: o particular – a realidade brasileira do século XIX, e o universal – o ser humano e seu caráter essencialmente contraditório. Considerando esses fatores, objetiva-se analisar como o modo machadiano de construir essas narrativas fixa as principais diretrizes do gênero na literatura brasileira, segundo Lima Sobrinho (1967), e abre caminho para a sua difusão e consolidação durante o século XX. Após essas explanações, o trabalho analisará as modalidades do conto machadiano, com ênfase nos denominados por Alfredo Bosi como “contos-teoria”, e explicará o seu modo característico de configuração artística.

mesa redonda

Painel

O conto Luso-Americano: das margens para o centro do cânone nos EUA

Associada a culturas situadas nas margens da literatura dos EUA, a produção literária luso-americana ganhou, recentemente, uma certa visibilidade na poesia, no romance e na autobiografia. Este painel tem por objectivo abordar o modo como o conto luso-americano também tende a entrar no cânone dominante do género, sem, contudo, esquecer a posição subalterna tradicionalmente atribuída a esse mesmo género, por exemplo, face à do romance.

Alguns dos escritores da 1ª geração de imigrantes, nomeadamente José Rodrigues Miguéis e Onésimo Almeida, preferiram, à semelhança de outros imigrantes famosos (e.g. Isaac Bashevis Singer) escrever na língua materna. No entanto, tanto eles como os das gerações seguintes, que adoptaram o inglês nas suas produções literárias, partilham com os contistas da cultura dominante uma verdadeira consciência da sua arte, como eles contribuindo para a diversificação cultural e enriquecimento do género nos EUA.

Este painel propõe-se oferecer à discussão exemplos específicos desse movimento das margens para o centro literário e cultural americano.

Composição do painel:

Moderador: Erik Van Achter (KULeuven / CLP Coimbra)

Ana Franco

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

Teresa Cid

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

Teresa Alves

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

Ana Franco

Universidade de Lisboa | Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

José Rodrigues Miguéis: um contista de Nova Iorque

Rodrigues Miguéis escreveu sempre em português e os seus contos revelam o apego do escritor à sua própria experiência de vida. Apesar de a crítica sublinhar, de um modo geral, a natureza autobiográfica da sua ficção, é objectivo desta comunicação apresentar um ponto de vista complementar: tendo vivido em Nova Iorque para cima de quatro décadas, Miguéis adoptou, é certo, a língua portuguesa na sua escrita ficcional, mas toda esta se distingue pelo estilo visual e ritmo frásico característicos do conto americano. Recorrerei aos contos “Beleza Orgulhosa”, “O Natal do Dr Crosby” e “Pouca Sorte com Barbeiros” para ilustrar as minhas afirmações.

Teresa Cid

Universidade de Lisboa | Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

A força e a fortuna do conto luso-americano: Julian Silva e Katherine Vaz

Um sentido de destino, muitas vezes associado a circunstâncias extremas (de perda, morte iminente, e outras), e a determinação de lidar com tais circunstâncias de forma vigorosa permeiam muitas obras de escritores luso-americanos. Devido à sua concisão e ao seu rigor de concepção, o conto foi frequentemente escolhido como forma privilegiada de lidar narrativamente com tal compulsão. É meu propósito discutir um conto de Julian Silva, "Candle in the Wind", publicado em 2011 num volume intitulado *Move Over, Scopes and Other Writings*, uma coleção de textos deste autor escritos nas décadas de oitenta e noventa, em conjunto com um outro conto, de Katherine Vaz, "Still Life", publicado em 1997 no seu primeiro volume de contos, intitulado *Fado and Other Stories*.

Teresa Alves

Universidade de Lisboa | Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES)

Cenários para a arte do conto: as ilhas misteriosas de Onésimo Almeida e Darrell Kastin

Quer se trate de ilhas metafóricas ou reais, as que habitam (*Sapa*)teia Americana (2001[1983]; trad. *Tales From the Tenth Island* 2010) e *The Conjuror and Other Azorean Tales* (/2012) espelham facetas da identidade oceânica e compósita de Onésimo Almeida e Darrell Kastin. No cruzamento de várias tensões culturais, os contos “insulares” de Almeida e de Kastin oferecem-se como instâncias exemplares das reciprocidades e diferenças entre ficção e vida, e do esbatimento de fronteiras, característico do hibridismo cultural, que percorre a obra de cada um dos autores. Curiosamente, a apropriação topográfica é sublinhada pelo encadeamento dos contos que, à imagem de um arquipélago, se transmutam nos dois autores em sequência ou ciclo, ligados como estão por ideias comuns, imagens recorrentes e variações temáticas.



apoiios



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA





universidade de aveiro
theoria poiesis praxis